

Andebol busca rigor

Simão Filho, presidente da Associação de Andebol de Luanda, aborda o estado da modalidade na capital: os males de que está enferma e os projectos em vista.



p. 30-31

Entender o mundo dos "Call Centers"

Luanda concentra as prestadoras de serviços de empresas do segmento das telecomunicações e não só. São os chamados "Call Centers", para onde caem as reclamações feitas pelos clientes.

p. 9-11



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA

2 de Outubro de 2017 • Ano 0 • Número 8



PERIGO Venda de fármacos é feita em espaços sem quaisquer condições

IRREGULARES

FARMÁCIAS CRESCEM NA PERIFÉRIA

O número de farmácias na zona periférica aumenta substancialmente. Algumas eram estabelecimentos comerciais de venda de produtos alimentares e bebidas, pertencentes a angolanos. Estes acabaram por cedê-los a estrangeiros, que os transformaram em espaços para venda de medicamentos. A legalidade destas farmácias é questionável.

p. 20

MERCADO

BAIXAM LUCROS NA SAPÚ II

No mercado 11 de Novembro, situado no bairro da Sapu II, no município de Talatona, os lucros estão, cada dia, mais baixos. A culpa é passada a vendedoras que se colocam junto aos acessos, impedindo que clientes se aproximem da praça.

p. 19

"SOLDADO DESCONHECIDO"

ROMARIA À ESTÁTUA

Muitas são as razões que levam visitantes à estátua do "Soldado Desconhecido", inaugurado há poucos dias: a simples curiosidade ou a necessidade de conhecer mais um pedaço da história de Angola.

p. 12

SAÚDE MENTAL

Amor em tempo de loucura

O Dia da Saúde Mental assinala-se a 10 próximo. Em Luanda, o Hospital Psiquiátrico regista, diariamente, entre 70 e 90 casos. As causas são, sobretudo, sociais e vão do consumo de drogas ao abandono familiar. O quotidiano dos dementes é desolador. Tem-lhes valido a sensibilidade das enfermeiras, a quem ainda resta o amor ao próximo.

p. 3-6



MIQUÉIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO

PAULO MULAIZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

MENDES DE CARVALHO

Governador inicia funções

O novo Governador da Província de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, apresenta-se hoje aos funcionários da instituição para a qual foi nomeado na passada quinta-feira, pelo Presidente da República, João Lourenço. Mendes de Carvalho assume, pela primeira vez, a direcção da capital do país, depois de já ter desempenhado o cargo de vice-governador.



NOTA DO DIA



CAETANO JÚNIOR
Director Executivo

A ATENÇÃO QUE MERECE A SAÚDE MENTAL

A 10 de Outubro próximo, assinala-se o Dia da Saúde Mental. Em Luanda, os registos diários de entradas no Hospital Psiquiátrico são assustadores. Além dos números, também chama a atenção as causas para tantas ocorrências. Agora, as perturbações mentais são consequências, sobretudo, de factores sociais. Portanto, as razões congénitas e degenerativas ficaram para trás; perderam terreno.

O excessivo consumo de álcool, o uso de drogas ilegais e o abandono familiar estão entre as principais causas sociais para que o Hospital Psiquiátrico abra as portas a cada vez mais pacientes.

Neste contexto, chamar "grave" à situação seria um eufemismo que em nada contribuiria para que se encarasse o assunto com a seriedade que exige. O quadro é, na verdade, catastrófico e uma consequência directa de males de que a sociedade está enferma, como é exemplo a decadência de valores como o amor ... ao próximo.

Nós, os *externos*, prestaríamos mais atenção aos valores morais e éticos se, de vez em quando, fôssemos a lugares como o Hospital Psiquiátrico e vivenciássemos o quotidiano dos *internos* ou víssemos, simplesmente, em que seres humanos muitos deles estão transformados.

Assim, é preciso apelar ao humanista que há em cada um de nós. Pois só com o emergir desse sentimento é possível cuidar do semelhante, para que não acabe, depois, por se juntar às estatísticas dos hospitais do foro psíquico.

Agora, as perturbações mentais são consequências, sobretudo, de factores sociais

Luandando



ROSALINA MATETA
Sub-Editora

PERFUMES, AROMAS E NORMAS NA UTILIZAÇÃO

A etiqueta recomenda que escolhamos o perfume a usar, tal qual escolhemos, diariamente, a roupa e os sapatos. Mas, mais do que a roupa e outros acessórios, o perfume, sem que fale, diz muito de nós.

Nos últimos tempos, venho sentindo o cheiro de muitos aromas no ar. Cada um mais forte do que o outro. Se, por um lado, é bom saber que as pessoas continuam a primar por um bom cheirinho, apesar da crise económica que nos afectou a todos, por outro, não é nada agradável "levar" sempre com cheiro fortíssimos de diferentes fragrâncias, por onde quer que se vá.

O olfacto pode, facilmente, apurar esta realidade nos bancos, nas clínicas e em determinadas instituições públicas e privadas. As mulheres têm sido as mais tentadas a usar perfumes do género "Cheguei". Os homens, regra geral, são mais discretos, embora existam uns e outros a querer chamar a atenção: são os "Madós". A usar e a abusar do perfume estão os jovens dos 20 anos em diante. Mas há excepções. Os últimos, portanto, os jovens, pertencem, precisamente, à franja que tem acesso e domínio da Internet, logo, das redes sociais. Estas mesmas a partir das quais eventualmente, compram as fragrâncias e onde postam frascos para exibir as marcas que estão a usar. No "sítio global", há também uma diversidade de informação "saúdável" para explorar. No que se refere à etiqueta, há "sites" que fornecem todas as regras que "normatizam" o uso do perfume e etc. Hoje, sinto congestionadas as minhas narinas. Por isso, peço aos exagerados que busquem, na Net, informação que os ajude a regular a forma de usar perfumes. Não tenham dúvidas: fazer a utilização correcta ou incorrecta deste tentador produto depende do conhecimento de cada um. Consta que o uso exagerado de perfume pode levar a que se faça mau juízo de quem assim procede. E mais grave: pode fazer que se perca uma oportunidade de emprego, logo na entrevista, e até afastar potenciais pretendentes ou admiradores.

A recomendação é sempre para a moderação, baseada no bom senso e na discricção. É que, independentemente da marca do perfume, o uso moderado é agradável, fresco, doce, floral e nada invasivo. Por esta razão, os entendidos na matéria definiram já tipos de perfumes para cada ocasião, hora do dia e estação do ano.

O mais sensato é, pois, usar perfume com comedimento, para que, independentemente da ocasião, não se fique mal na fotografia. Em rigor, perfumar-se exageradamente é o mesmo que disseminar mau odor!

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



Regras de trânsito

MOTOQUEIROS VIOLADORES

É frequente observar, em toda cidade de Luanda, alguns condutores de motorizadas, vulgo motoqueiros, a violar a Lei de Trânsito; andam em sentido contrário e, em outras situações, atravessam passadeiras. Estas posturas, aos olhos dos mesmos, parecem normais, mas não o são à luz das normas que regulam a condução. Se os motoqueiros as praticam por pura preguiça ou se fazem ouvidos de mercador ao elevado índice de mortes nas estradas, desconhecemos. Mas os seus actos imprudentes estão à vista de todos.

Na semana passada, jovens que vendem água em "bidons" de 20 litros e os transportam em motorizadas fi-

zeram uma destas "fintas" às regras de trânsito e quase atropelaram uma cidadã, ali no Benfica, nas imediações do antigo controlo.

Este tipo de comportamento demonstra total desrespeito à vida do próximo e falta de cidadania, por quanto se despreza o esforço de todos os angolanos. Na nossa Luanda, não queremos conviver com pessoas que não valorizam as nossas conquistas e que colocam a vida de pacatos luandenses em risco.

As famílias acarretam muitas responsabilidades e têm problemas por resolver. Ninguém quer receber um telefonema inesperado a dar conta da morte de um ente querido, tudo por culpa de um indivíduo negligente.

A palavra ao leitor



Violência doméstica

Estou preocupado com a violência doméstica na cidade de Luanda. Por ciúmes, um marido bateu na mulher, que conseguiu escapar até à casa da vizinha. Não satisfeito, ele ateou fogo à residência onde se encontrava a mulher. Morreram oito pessoas, incluído crianças. Num outro caso, um jovem espancou a ex-mulher. São situações que me levam a questionar se o Estado não devia aplicar penas mais pesadas a esses criminosos.

Manuel José
Viana

O nosso vizinho

Desde há algum tempo, tenho observado que um vizinho tem por há-

bito bater na esposa, mesmo depois de aconselhado várias vezes. Até que um dia partiu o braço à senhora. A vizinhança ficou a saber pelo filho. Os vizinhos fizeram uma queixa à Polícia e o criminoso encontra-se detido. Aqui fica um exemplo que se deve seguir. Afinal, casos desta natureza acontecem e podem acabar em morte.

Albino Júlio
Golfe

Motoqueiros

No bairro do Chinguari, nos últimos tempos, aumentou o número de saltos feitos por motoqueiros, vulgo kupapatas, no período da noite. Uma situação que é de lamentar. Depois de transportar o passageiro, na hora do pagamento, ele anuncia o assalto, uma prática que aumenta a cada dia. Os moradores da zona já apresentaram queixa à esquadra da Polícia e aguardam por medidas. Os moradores não têm alternativa.

Manuel Gaspar
Benfica

LUANDA

Directores Executivos: Caetano Júnior e Cristina da Silva

Director de Arte: Albino Camana

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Domiana N'Jila, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango, Neusa de Menezes e Solange da Silva

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tutí, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26 . Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **MAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



Presidente do Conselho de Administração: António José Ribeiro

Administradores Executivos: Victor Manuel Branco Silva Carvalho, Eduardo João Francisco Minvu, Mateus Francisco dos Santos Júnior, Catarina Vieira Dias da Cunha, António Ferreira Gonçalves, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Engrácia Manuela Francisco Bernardino



AVALIAÇÃO SALA DE OBSERVAÇÃO POR 72 HORAS

Na Sala de Observação, uma masculina, outra feminina, os doentes ficam, no máximo, 72 horas, a seguir às quais recebem alta ou são internados, num dos pavilhões, onde permanecem até receber alta.



VÍTIMAS SÓ PENSA NOS FILHOS

"Doutor, estou a pensar nas minhas crianças", fala a mulher. Diz ter 39 anos e se queixa da agressão que os filhos sofrem, quando tentam visitá-la. "São quatro crianças que muitas vezes são perseguidos por gente que lhes quer arrancar os alhos", diz ela.

COMPORTAMENTO



Quem, aqui dentro, tem distúrbios?

No Hospital Pediátrico de Luanda, muitos pacientes diagnosticados com perturbações mentais negam-nas. "Eu estou bem! Não sou louco", dizem, quase sempre. Mas, afinal, quem é louco?

Caetano Júnior

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A paciente, sentada na zona lateral da secretária, à direita do médico, ouvia as recomendações deste. Em frente do doctor, os familiares/acompanhantes, um casal, seguiam atentos. À doente foi prescrita uma medicação para três meses. Mas ela podia regressar, volvidos trinta dias, para avaliação dos efeitos do tratamento. Embora atingida por uma enfermidade, a senhora podia dar-se, de algum modo, por privilegiada. Afinal, voltaria para casa.

À saída da sala do médico, há um extenso corredor, onde se acumulam doentes à espera de serem consultados e respectivos acompanhantes. Entre os aspirantes a consulta, destaca-se uma jovem, cuja sorte é diferente da figura do início do texto. Ela reclama da atitude dos familiares, que,

como os acusa, aos gritos, a querem deixar no hospital.

"Vê o tipo de pessoa que está aí ... Numa sala dessa, não fico, tio João. O que é que eu vos fiz, para me fazerem isso? Não estou maluca! Vocês são ingratos", vociferava a jovem, ante a iminência do internamento. O "tio João" limitava-se a dizer "calma, calma ...". Embora a confirmação do estado da saúde mental da jovem ainda dependesse da avaliação médica, o episódio lembra o que relatam obras sobre o assunto.

"Os problemas de saúde mental podem incluir alterações do pensamento, do humor, da energia e/ou do comportamento, traduzindo-se em sinais e sintomas. Quando adquirem intensidade elevada ou persistem no tempo, aliadas ao sofrimento e/ou disfunção, podem ser diagnosticadas como uma perturbação mental. Nestas incluem-se as perturbações de ansiedade, do humor (depressão, perturbação bipolar), perturbação obsessi-

vo-compulsiva, as psicoses, a esquizofrenia, entre outras", lê-se no site Saúde Mental.

Dentro de um vestido de nylon cor-de-rosa, uma senhora, deitada numa das nove camas da Sala de Observação Feminina, dava, com a mão direita, pancadinhas sobre a perna do mesmo lado. Simultaneamente, balbuciava palavras ininteligíveis. Ela não quis falar, inicialmente. Começou a fazê-lo apenas quando o jornalista se preparava para abordar outra paciente.

"Doutor, estou a pensar nas minhas crianças", fala a mulher. Diz ter 39 anos e se queixa da agressão que os filhos sofrem, quando tentam visitá-la. "São quatro crianças que muitas vezes são perseguidas por gente que lhes quer arrancar os olhos", diz ela. E garante que está lúcida.

"Já estive boa; estive em casa. O meu pai diz que não estou. Mas eu sei que estou. Só a cabeça é que me dói às vezes. Estou a fazer a medicação. Entrei

no dia 2 de Março, há oito meses. Não sei o dia. Desculpa. Vai ter que me desculpar", declarou a mulher, que se queixou da falta de água e de comida. O discurso prosseguiu, ornamentado de incoerência.

"Os meus filhos são doentes das vistas. Têm vistas boas e estão a bater-lhes. Lhes arrancaram as vistas. Tinham curado no Asa Branca, Hojy ya Henda. A menina, no Avó Kumbi. Só espero a alta. Não me deixam sair. Tiram as vistas, os cabelos. Estão a trocar a minha vida. Estão a fazer malandrice; estão a mexer o meu corpo no sono", disse a mulher. A seguir, virou o foco da conversa para a família, de quem reclama, por não a visitar. Nesta altura, a paciente já não para

de falar e ainda faz uma pergunta: "enfermeiro, não pode começar a me controlar no espírito?".

A Sala de Observação Feminina tinha uma cama por ocupar. No espaço, os doentes ficam, no máximo, 72 horas, a seguir às quais recebem alta ou são internados, num dos pavilhões. Do outro lado do corredor, recinto semelhante é ocupado pelos homens. O lugar, nesse dia, tinha seis pessoas, uma de nacionalidade chinesa, levada na véspera pelos Bombeiros.

Portanto, a Sala de Observação é um espaço ocupado pelo "tipo de pessoa ..." a que se referiu a jovem, que estava na iminência de ficar no hospital em avaliação, a quem o "tio João" aconselhava "calma".



NANI “CONSIGO CANTAR COM METÁFORA”

"Eles não aceitavam a Nani. Sou formada em Engenharia Química na metrópole, desde 1975. Estou a exercer Química agora", começou por dizer. Em relação à carreira musical, disse que consegue cantar "com metáfora. Tenho música de fazer milhões ...".



DIVERSÃO FOTO DE FAMÍLIA ANTES DO “COOL” DE DESPEDIDA

No pavilhão masculino, a moda é dar um "cool", cumprimento no qual as pessoas batem no punho umas das outras. Mais tarde, os pacientes juntaram-se, num estranho amontoado, para a foto de família, a ser legada à posteridade. Os "cools" ficaram para depois, para as despedidas.

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



NANI “Estou bem conservada”

O ACONCHEGO DA NANI

Quando a enfermeira Mafalda André chamou pela Nani, esta sequer respondeu. Porém, mal lhe disse que estavam ali jornalistas, que a queriam ver, uma voz fez-se ouvir do pequeno quarto. “Onde estão, onde estão?”, perguntou, ansiosa. A cantora, agora fora dos palcos, abriu a porta e pediu aos “convidados” que entrassem. Também permitiu a passagem às enfermeiras. A seguir, fechou-a e reforçou a segurança, encostando nela uma das duas camas.

O quarto é diminuto, porém limpo e aconchegante. As paredes estão cobertas de desenhos, feitos pela própria. Um mundo de cores, à frente do qual ela posou, pedindo ao fotógrafo que começasse a trabalhar. Foram mais de dez poses, nas quais Nani deu a ver a voluptuosidade que ainda lhe resta, dez anos depois de ter entrado, pela primeira vez, na unidade hospitalar.

“Eles não aceitavam a Nani. Sou formada em Engenharia Química na metrópole, desde 1975. Estou a exercer Química agora”, começou por dizer. Em relação à carreira musical, disse que consegue cantar “com metáfora”.

“Tenho música de fazer milhões, que os americanos cantavam. ‘La Vida Buena’. Ressuscitei, porque meu filho loiro tiraram-lhe os olhos. Tive de dar os meus. Fiquei cega e ressuscitei”.

Nani afirma que tem 54 anos e que está bem conservada. A referência à conservação é real. Mas, de repente, já só tem 35 anos. E depois não mais quer falar. Grita e pede às “visitas” que se ponham a andar. Mas não sem antes fazer mais uma sessão de fotografias.

YETA DÁ AS BOAS-VINDAS AOS VISITANTES

“Eu sou a Yeta, eu sou a Yeta, papá. Vieste me buscar?” A pergunta saiu de rompante, mal foi aberta a porta que dá acesso ao Pavilhão C, lugar reservado às pacientes internadas. É um espaço enorme, equivalente a meio campo de futebol. Ao centro, um jango acolhe actividades ocupacionais. Nas laterais, estão edificadas dormitórios, balneários, refeitório e a área administrativa. As mulheres estavam sentadas, espalhadas pelo vasto quintal, e se precipitavam para a saída, sempre que a porta fosse aberta e os “pais da Yeta” entrassem.

A Yeta, como se apresentou, pode encarnar o exemplo mais evidente de um ser humano que perdeu o juízo. Mais elementos comprovativos seriam supérfluos. No mesmo quintal, vive, entretanto, a Jovelita, que pode ser o rosto visível de um grupo de mulheres que, embora assolado por problemas do foro psíquico, tem momentos de lucidez ou aparente discernimento. É vê-las, as mulheres, ora embrenhadas nos próprios pensamentos, ora de sorriso rasgado e de boca livre para fazer ouvir os mais absurdos discursos. Também há quem, entre elas, prefira o isolamento ou use da violência.

“Eu sou violenta”, respondeu uma paciente, à pergunta feita à enfermeira de apoio Mafalda André. Não demorou muito para que mais alguém a seguisse. “Ela, se insistir, vou lhe esmurrar”, disse outra mulher.

“Há as agressivas. Não reconhecem o meio. Também é uma forma de defesa”, esclareceu Mafalda André. Sobre o papel de quem, no filme da vida, lhe cabe cuidar desses seres humanos, ela tem a explicação: “é preciso amor ao próximo. E este trabalho reforça este sentimento. Os cuidados são maiores. Elas são desfavorecidas e nos colocamos no lugar delas. É mesmo muito difícil”.

“É Mesmo muito difícil”, intrometeu-se, de novo, a paciente que se havia proclamado “violenta”. Enquanto Mafalda André aprofundava explicações sobre o funcionamento do Pavilhão C, de espaço a espaço, a “Violenta” introduzia-se na conversa, com declarações descontextualizadas, sempre inspiradas na figura

do jornalista. Lá foi dizendo...

- “Camisola interior ou exterior ...”
- “As cores são alegres ...”
- “Isso é caneta ou lapiseira ...?”
- “É tinta de China ou aguarela...?”
- “Quantos graus perdeste?...”
- “Es-fe-ro-gra-fi-ca...”.
- “Dibala... Wala ni dibala...”, (do quimbundu, “careca, tem careca”).
- “Sola seca... Só quero a sola...”.
- “Tênis de praia é para educação física; não para sair...”.
- “Weza ni social...”, (do quimbundo, “veio; vestiu-se à social...”).
- “Grão de bombó serve para giz...”.

A “Violenta” acabaria, entretanto, por dispensar o almoço, por não “estar em condições”. Também negou a refeição que recebeu de casa, sob a justificação de que a carne estava “estrangulada”.

Cada uma das 76 pacientes do Pavilhão C tem uma história diferente, como distintos são os lugares de onde saíram e a actividade que desenvolviam. Há uma mulher que mexe constantemente os lábios, num trejeito que lhe deixa a face estranha. Ela diz que era “moambeira” (vendedora de produtos comprados, pela própria, no exterior) e que foi burlada em 300 mil dólares. “É o meu trauma”, disse, com o rosto triste. A seguir, pediu: “liga só na minha mãe, para me dar artim (NR: um medicamento)”.

“A morte da minha mãe é que me deixou assim. Também tive insónias e bebi muita cerveja. Tenho um filho de dois anos e usava o dinheiro da mesada para beber”, disse outra senhora. Ela é paciente desde 2014, mas só há duas semanas foi internada. O filho ficou à guarda de uma irmã.

ENTRE OS HOMENS, A MODA É O “COOL”

Se, à entrada do sector feminino, é a Yeta quem dá as boas-vindas, no masculino, a moda é dar um “cool”, cumprimento no qual as pessoas batem no punho umas das outras. Os pacientes parecem mais calmos ou menos agitados do

que as mulheres, embora alguns não deixem de ser assanhados ou até agressivos.

“Há momentos agressivos e calmos. A situação pode decorrer da ausência da família. Pode dar-se o caso de o colega ter alta e o outro acaba por ficar isolado. Outra situação é a expectativa de sair, mas a família não aparecer para levá-lo”, explicou a enfermeira Florinda Domingos, 36 anos. A funcionária contou, inclusive, episódios de agressão a trabalhadores.

O principal disseminador de “cools” é um jovem muito espetitado. Ele diz que só fala política, ao mesmo tempo que cita figuras públicas ligadas à matéria. Conta que morava na zona do N’zamba 2. A casa que tinha, de madeira, queimou e, no incêndio, morreram 400 pessoas.

“Foi uma tragédia sem solução. Estive na CCL (NR: Comarca Central de Luanda), cumpri cadeia de 18 meses e paguei uma indemnização de quatro milhões de Kwanzas. Trabalho no ... que já foi à falência. A minha tia governante não sabe que estou aqui. Tenho o terminal da minha irmã”, disse o jovem.

“Este kota tem que me tirar uma foto”, afirmou, por seu lado, outro paciente, enquanto decorria a conversa acima. Mas há quem não tenha tanta paixão pela fotografia: “não gosto muito, porque não sou maluco; sou político”, demarcou-se outro doente.

Mas pode, este lugar, afectar o equilíbrio de quem lá trabalha? Florinda Domingos acredita que não, embora existam mentes que pensam o contrário. “Qualquer gesto de brutalidade da nossa parte, em casa, faz com que os parentes nos lembrem onde estamos a trabalhar”, lamentou a funcionária, que tem no hospital o primeiro e único emprego que conhece.

Florinda Domingos parece calma e senhora de si, num lugar onde pouca gente se atreve sequer a entrar. No alto da sua confiança, vê os pacientes juntarem-se, num estranho amontoado, para a foto de família, a ser legada à posteridade. Foi a sugestão de quem disse que o “kota tem que me tirar uma foto”. Os “cools” ficaram, por instantes, para depois, para a hora das despedidas.

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



SATISFAÇÃO No vasto quintal do pavilhão, as mulheres chegam a divertir-se com a entrada e a saída de funcionários e visitantes



DIA-A-DIA DAS URGÊNCIAS À OBSERVAÇÃO

Os pacientes que dão entrada no banco de urgência do Hospital Psiquiátrico de Luanda são levados a uma das salas de observação, onde permanecem até 72 horas, no máximo, para avaliação clínica.



DEMÊNCIA AS CAUSAS SÃO INÚMERAS

O homem nasce e, dentro de si, há muitos problemas, ditos congénitos, e outros, que vai adquirindo ao longo da vida. Portanto, alguns têm carácter de herança e ficam para os descendentes.

SAÚDE MENTAL

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Casos diários de demência chegam a noventa

No Hospital Pediátrico de Luanda aumentam os casos de pacientes que chegam com perturbações mentais. A situação preocupa o corpo clínico. A 10 próximo, assinala-se o Dia da Saúde Mental.



Mazarino da Cunha
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O banco de urgência do Hospital Psiquiátrico de Luanda regista uma média diária de 70 a 90 casos de demência. A idade dos pacientes varia entre os zero e os 60 anos. Landu Mizeze Geraldo, director clínico da unidade, disse que a situação decorre de causas sociais, que vão do consumo de drogas ilícitas a problemas afectivos. O hospital tem 150 camas, para 196 doentes internados.

O que pode o paciente esperar do Hospital Psiquiátrico de Luanda?

O Hospital Psiquiátrico é uma unidade sanitária do Estado, por sinal a única de especialidade e cá chegam doentes de todo o país e, em particular, da província de Luanda. Por outro lado, do ponto de vista das condições organizativas-clínicas, o hospital oferece vários serviços, entre eles, o de Urgência, que funciona 24/24 horas, de Consulta Externa e o de Internamento. Dos serviços das Consultas Externas, temos, além da Psiquiatria, outras especialidades, como Pedopsiquiatria, Psicologia Clínica, Defectologia e Psiquiatria Forense, casos que, de vez em quando, os tribunais enviam até nós. São os casos dos que têm problemas com a Lei e são aqui encaminhados para avaliação e pronunciamento. Além da Assistência Social, obviamente. Os assistentes sociais são figuras "pivot". É por intermédio destes profissionais que conseguimos fazer, além da reabilitação, cá dentro, a reintegração socio-familiar.

Há impressão de que aumentam casos de demência ou do foro psiquiátrico?

É uma verdade. No passado, este hospital não registava tantos casos. Desde que houve tranquilidade, desde que a paz instalou-se, é como se se abrisse o caminho. E hoje, o número continua crescente. As causas são inúmeras. O

homem nasce e, dentro de si, há inúmeros problemas, ditos congénitos, e outros, que vai adquirindo ao longo da vida. Portanto, alguns têm carácter de herança e vão ficando para os descendentes. Os adquiridos podem ser os traumatismos, sobretudo o alcoolismo. Temos que enfatizar que o alcoolismo está a trazer a juventude para cá. Por outro lado, temos o uso de substâncias como a liamba e outras drogas, flagelos que estão a fazer os jovens visitarmos. Também os problemas afectivos, relacionamentos amorosos, que resultam em depressão e quadros psicóticos. Não vamos deixar de parte os problemas que muitas vezes ignoramos. Na vida, é preciso ter em conta todo o passo que o ser humano dá. Há sempre repercussões.

Parece que factores sociais sobrepõem-se, agora, aos outros, os congénitos e degenerativos?

As causas são, sobretudo, sociais. Às já descritas, como o consumo de drogas ilícitas, de álcool exagerado, juntam-se depressão pós-parto, ansiedade, falta de emprego, entre outras motivações sociais. Os factores congénitos e degenerativos hoje deixaram de ser as principais causas das doenças mentais. Foram substituídas pelas causas sociais. Que caminhos para a prevenção? Prevenir é possível, desde que conheçamos as causas. O alcoolismo e o uso de substâncias como drogas podem ser prevenidos. Se a causa cessar, acabam também os efeitos. A prevenção passa, fundamentalmente, pela identificação das causas e depois encontrar uma estratégia para a prevenção.

À luz do quadro descrito, o que lhe parece a situação?

Estamos numa situação alarmante, nunca antes vista ao longo da existência do Hospital Psiquiátrico de Luanda. Mesmo durante as três décadas de guerra civil, o hospital nunca registou esses números. Isso demonstra que o actual contexto social que Angola vive não é salutar para a sua população, principal-

mente a juventude. O corpo clínico e os demais técnicos de apoio do hospital estão preocupados com o quadro actual.

Que papel desempenha a família neste processo?

A presença da família, para nós, é um factor de muita satisfação, uma vez que o sucesso do tratamento que prestamos só se torna eficaz se a família e a sociedade, em geral, estiverem presentes. Já tivemos um passado muito triste, onde assistíamos familiares a abandonar os seus mais próximos, mesmo que registassem melhorias significativas. Graças a Deus, com as palestras que o hospital tem realizado e o apelo que as igrejas e a comunicação social fazem, o cenário está a mudar, positivamente. Hoje, a família já é presente e preocupa-se com a situação dos seus. Por-

tanto, temos de trabalhar muito no sentido de diminuir o actual gráfico sombrio.

A unidade está bem servida em recursos humanos?

O Hospital Psiquiátrico de Luanda tem disponíveis 12 médicos psiquiátricos, 10 psicólogos, mais de 100 enfermeiros e um número considerável de assistentes sociais, fundamentais para o nosso trabalho.

E quanto à assistência medicamentosa?

Em relação aos fármacos, o Ministério da Saúde tem cumprido com a sua tarefa, através da Central de Compras de Medicamentos (CECOMA) e da Direcção Nacional de Medicamentos e Equipamentos. Portanto, temos assistido os pacientes. Ainda nessa senda, o hospital tem tido o apoio da Clínica Multifil, em termos de fármacos e de troca de experiência entre os médicos psiquiátricos.

NÚMEROS NAS URGÊNCIAS

Números relativos ao registo de pacientes no banco de urgência do Hospital Psiquiátrico de Luanda, nos anos de 2016 e 2017.

CASOS REFERENTES A 2016

Sexo feminino

Dos zero aos quatro anos: 21 casos. Dos 4 aos nove anos: 101 casos. Dos 10 aos 14 anos: 206 casos. Dos 15 aos 24 anos: 433 casos. Dos 25 aos 49 anos: 452 casos. Dos 50 em diante: 206 casos. Total: 1.091 pacientes.

Sexo masculino

Dos zero aos quatro anos: 27 casos. Dos quatro aos nove anos: 94 casos. Dos 10 aos 14 anos: 202 casos. Dos 15 aos 24 anos: 469 casos. Dos 25 aos 49 anos: 486 casos. Dos 50 em diante: 208 casos. Total 1.486 pacientes.

CASOS REFERENTES A 2017

Sexo feminino

Dos zero aos quatro anos: 10 casos. Dos quatro aos nove anos: 50 casos. Dos 10 aos 14 anos: 150 casos. Dos 15 aos 24 anos: 351 casos. Dos 25 aos

49 anos: 359 casos. Dos 50 em diante: 366 casos. Total: 1.286 pacientes.

Sexo masculino

Dos zero aos quatro anos: 13 casos. Dos quatro aos nove anos: 61 casos. Dos 10 aos 14 anos: 179 casos. Dos 15 aos 24 anos: 179 casos. Dos 25 aos 49 anos: 366 casos. Dos 50 em diante: 305 casos. Total: 1.172 pacientes.

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



AVALIAÇÃO Após consulta, jovem regressou a casa



ENFERMEIRAS GESTOS HUMANISTAS

Apesar de os pacientes sofrerem de distúrbios mentais e dos possíveis riscos consequentes da situação, enquanto enfermeiras em serviço, a trabalhar e a estar com eles, para as profissionais, o que fazem é uma verdadeira realização e um gesto humanista. É este facto que as torna dedicadas.



PERSISTÊNCIA A PRÁTICA LEVA AO AMOR E À VOCAÇÃO

“O amor e a vocação crescem com a prática, a cada dia da nossa vida”, disse Florinda Domingos, em serviço no Pavilhão Masculino, onde estão 49 internados, um deles de 14 anos de idade. Ela trabalha no Hospital Psiquiátrico de Luanda há 36 anos.

PROVAS DE AMOR EM AMBIENTE ADVERSO NA PSIQUIATRIA

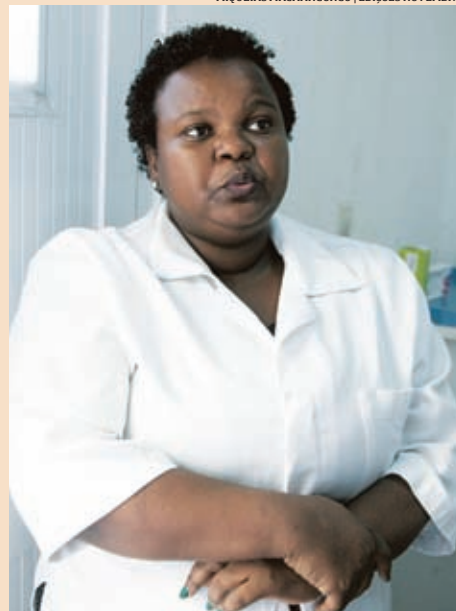
Três enfermeiras serviram de guia à equipa de jornalistas. Qualquer delas mostrou seriedade e alto sentido de profissionalismo, além da sensibilidade para com a realidade vivida pelos pacientes. Num espaço onde muitos não se atreveriam entrar e ainda menos aceitariam trabalhar, Mafalda André, Florinda Domingos e Maria Helena movimentam-se livres e desinibidas. É um exemplo da grandeza que existe por detrás de algumas aparências. Mas, afinal, o que é ser enfermeira numa unidade hospitalar desta natureza?

“Ser enfermeira é uma profissão sensível; é uma missão de entrega, na qual o amor ao paciente deve estar presente diariamente”, exprimiu-se assim Mafalda André, para referir-se à natureza do trabalho que faz.

A enfermeira de apoio do Pavilhão C, onde estão 76 mulheres, realçou que trabalhar numa psiquiatria obriga a um esforço maior. “É preciso redobrar o amor e a dedicação”. Ela diz sentir-se realizada, profissionalmente, depois de tantos anos no Hospital Psiquiátrico de Luanda, por estar a tratar, cuidar e acompanhar jovens em situação psíquica e social muito delicada. “É uma missão que só Deus vê todos os dias”, sublinhou.

Apesar de os pacientes sofrerem de distúrbios mentais e dos possíveis riscos consequentes da situação, enquanto enfermeiras em serviço, a trabalhar e a estar com eles, para a profissional, o que fazem é uma verdadeira realização e um gesto humanista.

“O amor e a vocação crescem com a prática a cada dia da nossa vida”, disse, por seu lado, Florinda Domingos, em serviço no Pa-



DEDICAÇÃO Mafalda André, Florinda Domingos e Maria Helena já dedicaram décadas ao trabalho de cuidar doentes mentais

vilhão Masculino, onde estão 49 internados, um deles de 14 anos de idade. Ela trabalha no Hospital Psiquiátrico de Luanda há 36 anos. Entrou como activista social e é hoje enfermeira de apoio.

Florinda Domingos resumiu o ambiente nos recintos, dizendo que os pacientes são calmos, mais do que as mulheres. Todavia, esclareceu que as senhoras são mais solidárias e divertidas, quando recebem visitas.

E a razão que a levou a abraçar a profissão: “como mãe e enfermeira, lamento imen-



so ver os nossos filhos, ainda muitos jovens, terem problemas psíquicos. Esta foi a grande razão que me transformou em enfermeira no Hospital Psiquiatria de Luanda”.

SALAS DE OBSERVAÇÃO

Os pacientes que dão entrada no banco de urgência do Hospital Psiquiátrico de Luanda são levados a uma das salas de observação, onde permanecem até 72 horas, no máximo, para avaliação clínica. Findo o prazo, ou regressam a casa ou permanecem na unidade,



de, num dos pavilhões para internamento, masculino ou feminino.

Na Sala de Observação Feminina, entre os vários pacientes da terça-feira, 12 de Setembro, estava uma senhora de 37 anos. Ela foi levada à Psiquiatria por agentes da Polícia Nacional. Natural de Catabola, província do Bié, começou a sofrer de perturbações mentais em Novembro último, após o parto de gémeos, por cesariana. Um dos bebés acabou por falecer, dias depois. A mulher contou que não se lembra do dia em que entrou no hospital. De acordo com a enfermeira Maria Helena, que fazia de cicerone à equipa de jornalistas, a paciente estava naquela situação, porque “sofreu uma depressão pós-parto. Além disso, também passa por enormes dificuldades sociais”.

Na mesma sala, havia outra mulher, de 36 anos, que foi lá parar depois de ter recebido um telefonema do irmão, em retorno a outro que ela tinha feito. A senhora queria saber do paradeiro da filha, que não via há sete dias.

“A minha tensão subiu, quando eu falava ao telemóvel com o meu irmão. Eu queria saber informações sobre a minha filha. Mas, do nada, vim cá parar. Não sei como”, explicou.

O PACIENTE CHINÊS

Já na Sala de Observação Masculina, estavam seis pacientes, entre eles, um de nacionalidade chinesa, de 37 anos. Durante a conversa, o jovem contou que foi surpreendido em casa, por bandidos. Acrescentou que lhe foi injectada alguma substância, que o deixou em sono profundo.

Para o paciente chinês, o objectivo foi roubo de dinheiro e outros bens que tinha em casa. O jovem chegou ao hospital pelas mãos de agentes dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros. Em Angola há 10 anos, ele disse viver no Kikuxi, Viana, com a mulher, de nacionalidade vietnamita.

De acordo com a enfermeira em serviço, o paciente chinês estava livre de uma lesão psíquica e que, a qualquer momento, teria alta.

MC



RESGATE Cidadão de nacionalidade chinesa foi encontrado na rua pelos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros

A Elisal - Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda, tem como objectivo social a prestação de serviço público de limpeza e gestão de resíduos sólidos da província de Luanda, visão de assegurar a saúde pública e a protecção do meio ambiente.

Ambiciona liderar a transformação do paradigma de gestão de resíduos na província de Luanda implementando infra-estrutura de procedimentos de excelência na limpeza, recolha, tratamento, valorização deposição final de resíduos que contribuem para a melhoria significativa dos munícipes.



**ELISAL, PARA UMA
VIDA MAIS SAUDÁVEL**

Bairro Vila Flor - Zona 19-S3, Quarteirão 7 (Filda)

Caixa Postal 378 Luanda - Angola

Tel.: 222 00 34 64 - 940 95 16 95

E-mail: atendimento.cliente@elisal.co.ao

www.elisal.co.ao



- ✓ SERVIÇOS DE DESOBSTRUÇÃO DE SARJETAS
- ✓ VENDA DE BALDES
- ✓ ALUGUER DE BALNEÁRIOS E CONTENTORES
- ✓ SERVIÇOS DE SANEAMENTO
- ✓ RECOLHA DIRIGIDA
- ✓ LIMPEZA DIRIGIDA
- ✓ ATERRO SANITÁRIO DOS MULENVOS
- ✓ SERVIÇOS DE JARDINAGEM

**NÃO DEITE
LIXO NAS
SARJETAS**



SEGUNDA TCHIGANGU OPERADOR HÁ UM ANO

Segunda Tchigangu atende, há um ano, chamadas de reclamações de clientes de uma empresa de telefonia. Para ele, "é essencial conhecer o produto da operadora para a qual trabalhamos. Depois, poderemos satisfazer o cliente", explicou.



FOCO SEMPRE AO TELEFONE

Focados no atendimento, os operadores não largam os computadores, nem param de falar. Sentados ou, às vezes, em pé, estão treinados para satisfazer o cliente, mesmo os mais coléricos ou exigentes.

"CALL CENTERS"

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Alô, sabe quem atende às suas reclamações?

Em Luanda, estão concentradas as prestadoras de serviços de empresas do segmento das telecomunicações e não só. São os chamados "Call Centers", para onde caem as reclamações dos clientes.



ATENDIMENTO Lubanzadia Mato, contratada há cinco meses, pertence a um grupo de 101 operadores que atende às reclamações dos clientes de uma empresa do seguimento da teledifusão

Rosalina Mateta

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O caro leitor faz ideia de como uma reclamação sua, feita por via do telefone, chega à empresa que lhe presta serviço de telefonia, televisão, bancário ou outro a que aderiu? Por certo, nunca parou para pensar nisso. Se o fez, recorreu a uma lógica que resulta da sua imaginação.

Saiba, pois, que algumas das grandes empresas dos ramos acima enumerados, embora sejam os "rostos" da publicidade que anuncia os serviços a prestar, não participam, directamente, na construção da vasta rede que suporta as chamadas telefónicas dos clientes. Quem o faz são operadores de empresas que terciarizam serviços no segmento das telecomunicações. Elas também zelam pelas operações de diferentes companhias.

Tome nota, também, que a principal ferramenta desses operadores terciarizados é o computador de mesa. Neste ficam armazenadas todas as informações de cada cliente e o guião que lhes serve de orientação para respon-

derem às preocupações apresentadas pelos clientes.

Ao procurar entender este mundo, dos "Call Centers", entramos para uma ampla sala. Deparamo-nos com homens e mulheres, jovens, bastante compenetrados. Eram os colaboradores da empresa terciarizada, no caso concreto da Quality Center. Falavam ao mesmo tempo, de tal modo que pareciam integrar uma "orquestra", na qual todos cantavam no mesmo tom e em simultâneo. Ficámos com a impressão de que as vozes de uns atrapalhavam os outros. Estávamos enganados. Nós é que acabámos por desviar-lhes a atenção. Os ouvidos dos operadores estavam resguardados dos sons e ruídos externos, pelos microfones auriculares, que servem de barreiras isoladoras.

Focados no atendimento, os operadores desta central de chamadas não largam os computadores, nem param de falar. Sentados ou, às vezes, em pé, estão treinados para satisfazer o cliente, mesmo os mais coléricos ou exigentes. Estes trabalhadores devem também propor-se a dar qualquer tipo de resposta, até ao limite das suas competências. As reclamações mais comple-

xas são transferidas para as áreas técnicas das empresas que beneficiam da sua prestação.

Os operadores contratados têm a missão de dar rápidas e satisfatórias respostas aos clientes. A formação dada pela própria empresa tempera-os para o trabalhar sob grande pressão. Fazem-no durante seis ou sete horas, dependendo do turno de cada um. Eles beneficiam de curtos intervalos, que podem ser aproveitados para um lanche, uma refeição ou simples descanso.

A prestadora de serviços, de momento, responsabiliza-se pelas operações de seis empresas, sendo três delas bastante conhecidas no nosso mercado, pelos produtos que oferecem: telefonia, teledifusão e banca. Tem, igualmente, a responsabilidade de assegurar o mesmo serviço a outras três empresas, denominadas de pequenas operações, dado o reduzido número de operadores que empregam. Mas, entre estas, há uma cuja marca é mundialmente conhecida. Independentemente da visibilidade ou grandeza das empresas assistidas, o aspecto comum a todas é a rapidez e a eficácia na solução das preocupações dos clientes.

NERVOS DE AÇO

A empresa de telecomunicações que, com elevada qualidade, detém um centro de contactos oferece, aos indivíduos que selecciona, formação técnica e comportamental. Assim, prepara-os para lidar com a pressão diária e garantir-lhes a serenidade e a delicadeza no tom de voz que a natureza do trabalho exige.

Lubanzadia Mato, contratada há cinco meses, pertence a um grupo de 101 operadores que atende às reclamações dos clientes de uma conhecida empresa no seguimento da teledifusão. Nos primeiros dias, teve dificuldades de lidar com a pressão das chamadas telefónicas.

Hoje, a operadora garante que percebeu que o segredo era manter-se cal-

ma. "Temos de ter consciência de que este é apenas o nosso trabalho. Não devemos levar para o lado pessoal determinadas atitudes, apesar da indelicadeza de alguns clientes", aconselhou. Actualmente, Lubanzadia trabalha num turno de seis horas e atende, em média, 70 chamadas, diariamente. "Nos dias de muito fluxo, posso atender mais de 100 chamadas", detalhou.

Segunda Tchigangu, outro operador, atende, há um ano, chamadas de reclamações de clientes de uma empresa de telefonia. Diz-se familiarizado com a complexidade e a pressão do trabalho. Para ele, antes de qualquer coisa, "é essencial conhecer o produto da operadora para a qual trabalhamos."



SOBRE O CLIENTE TER O TOTAL DOMÍNIO DA SITUAÇÃO

Muitos funcionários já experimentaram situações complicadas. Tecnicamente, quando não conseguem dar tratamento a uma questão, encaminham-na para os superiores. No âmbito do atendimento aos clientes, eles procuram ter total domínio da situação.



MISSÃO DAR ASSISTÊNCIA E ACALMAR OS EXALTADOS

A missão destes técnicos é dar assistência necessária e tentar acalmar os clientes enfurecidos e alterados. Nestas situações, os operadores têm de parecer criaturas feitas com nervos de aço. Afinal, não podem colocar a avaliação mensal e contínua em risco.

DEMANDA

Cada operador pode receber até cem chamadas por dia

O perfil de candidato é definido em função da sua disponibilidade de horário, capacidade de argumentação e dedicação, que são elementos fundamentais para a natureza do trabalho.

Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Todo o operador da Quality Contact Center (QCC), empresa que presta serviço de atendimento ao cliente, passa por uma formação. Antes, é definido o seu perfil de candidato, em função da sua disponibilidade de horário, capacidade de argumentação e diction, elementos fundamentais para a natureza do trabalho. Mais de 300 colaboradores, distribuídos pelos dois turnos, fazem o atendimento.

O trabalho tem uma carga máxima de sete horas, nos períodos da manhã e tarde. 90 por cento dos operadores são jovens e estudantes universitários. Por isso, os horários são ajustados de acordo com a disponibilidade de cada um. Num turno de sete horas, por exemplo, um operador pode atender, em média, 70 chamadas. Mas pode chegar a 100.

Nesta empresa especializada, a formação é por módulos e compreende duas etapas: a comportamental e a técnica. Não é exigida qualquer experiên-



OPERAÇÕES Ana Pires, subdirectora da Quality Contact Center

cia profissional aos candidatos. A QCC aposta na formação inicial, para capacitar os aspirantes a operadores a executar as tarefas com perfeição.

Na formação técnica, os candidatos ganham conhecimentos sobre os produtos, aplicações e desenvolvem habilidades. São, no máximo, três a quatro semanas de formação. O resto aprende-se na prática. "Todo o contacto é feito através de uma linha de apoio. As cha-

madas vão parar à nossa central, que assegura as reclamações dos clientes de telefonia móvel, por exemplo, como carregamento de planos, configuração de Internet e outras. Entre nós e as empresas beneficiárias dos serviços existe um fluxo interno, que garante a acessibilidade de informação e a solução das várias situações que surgem, detalhou Ana Pires, uma das subdirectoras da QCC.

A responsável acrescentou que as questões mais complexas, que ultrapassam a capacidade dos operadores, são encaminhadas às próprias empresas/clientes, para dar resolução. Na QCC, os operadores podem resolver, na hora, no caso de telefonia móvel, questões como activação de planos e bloqueios por extravio ou roubo.

Apesar de os operadores receberem formação específica, eles orientam-se por um guião de atendimento. Existem duas aplicações ou plataformas, uma de gestão do cliente e outra de suporte de atendimento, que permitem identificar a sua situação, desde carregamentos ou consumo de saldo, activação de planos e outros.

"Os colaboradores ou operadores são jovens, formados e especializados no atendimento, e não engenheiros ou pessoas com ca-

pacidade para resolver todas as situações", advertiu Ana Pires.

Cada serviço tem a sua especificidade. O sistema de atendimento aos clientes de telefonia móvel difere, em grande parte, dos serviços de televisão, por exemplo. Também há serviços e produtos que os operadores devem promover. Para isso, eles ligam aos clientes a anunciar campanhas promocionais.

Os números de apoio aos clientes, geralmente, pertencem às empresas que requisitam o serviço de "Call Center". Caso o cliente não tenha um terminal telefónico, a QCC cria um contacto ou linha de atendimento. "As chamadas efectuadas pelos clientes caem automaticamente no sistema de atendimento. Não tem como o operador simplesmente ignorá-las. É obrigado a atendê-las", explicou Ana Pires.



PROFISSIONALISMO Nos centros de apoio, funcionários não poupam esforços para satisfazer clientes

OUTROS SERVIÇOS INCLUEM O INGLÊS

A Quality Contact Center, para lá dos serviços já citados, conta com um software de gestão inteligente, que permite atender chamadas automaticamente. Presta trabalho de consultoria a várias empresas, dá formação interna ao pessoal que recruta e cuida de todos os serviços de um determinado Banco de direito angolano.

No seu leque de clientes, está também uma conceituada multinacional que actua no ramo da teledifusão. Por isso, a QCC criou uma equipa que se encarrega de comunicar as ocorrências mais complicadas à base central da empresa, que está fora de Angola.

Edivaldo Fernandes, angolano, é o jovem responsável por cuidar dos interesses da empresa contratante. Em nome da QCC, é em inglês que Edivaldo se comunica com a equipa técnica que fica além fronteiras. "Não temos contacto em língua inglesa com os clientes que ligam para o apoio técnico. Mas sempre temos a necessidade de comunicar

com a sede regional da empresa, quando surge um problema técnico que não conseguimos resolver aqui", explicou Edivaldo.



TÉCNICO Edivaldo Fernandes



SEGURANÇA ESTE TRABALHO “NÃO É DE RISCO”

Este trabalho não é considerado de desgaste rápido ou de alto risco. “Mas, sendo obrigatório, estabelecemos contactos com o Centro de Segurança e Saúde no Trabalho, de modo a acautelar esta questão”.



FUTURO POSSIBILIDADE DE NOVO PROJECTO

“Estamos a avaliar a possibilidade de criarmos o nosso próprio projecto ou integrar projectos já existentes. Queremos um projecto que proporcione aos beneficiados oportunidades e sustentabilidade”.

ENTREVISTA

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Empresa gere mais de 55 mil contactos/dia

Quatrocentos funcionários, maioritariamente, estudantes universitários, trabalham nesta instituição que presta serviços terceirizado de atendimento ao cliente.

Director-geral Carlos Pinho, alto responsável da Quality Contact Center, empresa instalada em Luanda

Rosalina Mateta*

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Director da Quality Contact Center (QCC), Carlos Pinho, respondeu a um questionário que lhe submeteu o Luanda, Jornal Metropolitano. O responsável abordou outros aspectos ligados à empresa de prestação de serviços. A QCC gere cerca de 55.000 contactos/dia, via telefone, e-mail e SMS.

Qual é a natureza ou a especificidade do vosso trabalho?

A Quality Contact Centers é uma empresa que presta serviço terceirizado de atendimento ao cliente, através dos canais de voz, e-mail, SMS e redes sociais.

Como fazem a selecção dos recursos humanos? Que critérios estabelecem?

No caso dos operadores, são definidos perfis, de acordo com a complexidade do serviço a prestar. O primeiro critério de selecção é o 12º ano concluído e damos preferência aos candidatos que frequentem as universidades localizadas perto das instalações da QCC. Após esta filtragem, os operadores são sujeitos a três fases de selecção: preenchimento do formulário de candidatura electrónico, entrevista e formação técnica. Os candidatos que superem estas fases com distinção são integrados nas operações, conforme forem surgindo as necessidades de preenchimento de vagas.

A contratação é periódica ou acontece quando se impõe, por exemplo, face a desistências?

As necessidades de recrutamento são permanentes, mas oscilam ao longo do ano e de acordo com as necessidades dos nossos clientes. Por norma, as operações crescem no final do ano e é também nessa altura que aumenta a taxa de rotatividade, pelo que é também nessa altura que mais recrutamos.

Quantos trabalhadores têm?

Actualmente, a Quality tem perto de 400 trabalhadores, sendo a sua grande maioria estudantes universitários, afectos às operações de Contact Center.

Que margem de crescimento, na empresa, têm os funcionários? De que depende a ascensão?

Sempre que existe uma vaga, nós damos prioridade ao recrutamento interno. Assim, a margem de crescimento dentro e fora da empresa é bastante grande, tanto vertical como transversalmente. A progressão vertical verifica-se na promoção para os cargos de supervisão e chefes de secção na direcção de operações. A progressão transversal verifica-se na passagem para os outros departamentos. A maioria dos técnicos dos departamentos de Recursos Humanos, Finanças e Informática começaram como operadores de “Contact Center”. Esta progressão é feita com base na antiguidade, avaliação de desempenho e área de estudo ou formação dos candidatos. Mas a margem de progressão dos operadores não se esgota dentro da Quality. Arranjar o primeiro emprego costuma ser uma das etapas mais difíceis da carreira de qualquer profissional. Após a experiência que adquirem na Quality, através dos serviços que prestamos aos vários sectores, onde operam os nossos clientes (Banca, Seguros, Telecomunicações, Entretenimento, etc), assim como a capacitação que é feita por intermédio do investimento que fazemos na formação, os nossos colaboradores passam a ter acesso privilegiado às vagas publicadas pelos nossos clientes e a estar mais capacitados a ser bem sucedidos às vagas disponíveis no mercado de emprego.

Têm registado desistência de funcionários. Por que razão isso acontece, na vossa perspectiva?

A nossa taxa de rotatividade é bastante baixa, quer para o sector (em Angola e

no mundo) quer para o nosso mercado. Existem vários motivos para as saídas, que podem acontecer por iniciativa do funcionário ou da empresa. Por iniciativa dos funcionários, a principal razão é por terem encontrado melhores oportu-

“Todos os nossos colaboradores beneficiam do seguro de acidentes de trabalho e temos equipas que prestam assistência imediata e encaminhamento para a clínica ou hospital mais próximo”.

nidades de emprego. Por iniciativa da empresa acontece quando um funcionário não consegue atingir os objectivos definidos para o seu desempenho ou por extinção do posto de trabalho.

A Quality Contact Center atende a vários sectores, das Telecomunicações ao de Serviços? Como é feita a formação dos profissionais?

Actualmente, prestamos serviços aos seguintes sectores: distribuição de TV por satélite, telecomunicações, banca, seguros e bebidas. Mas podemos prestar a muitos mais. A implementação de operações de Contact Center são a forma mais rápida, eficaz e eficiente de gerir o relacionamento entre instituições e os seus clientes, podendo gerir processos de primeira e segunda linha para os departamentos comerciais e de marketing de qualquer empresa com milhares ou milhões de clientes, em qualquer parte do território nacional e internacional. Existem já vários casos de sucesso no mercado Angolano. A formação é di-

vidida em comportamental, técnica, produtos e serviços. Na formação comportamental, são ensinadas as várias fases do atendimento e as técnicas a utilizar em cada uma dessas fases. Na formação técnica, ensinamos a utilizar as ferramentas informáticas ao dispor do operador. Na formação de produtos e serviços, transmitimos os conteúdos relacionados com a operação aonde o operador será integrado. Mas a formação não termina quando o operador começa a trabalhar. Periodicamente, são ministradas acções de formação, para corrigir alguns aspectos menos positivos, detectados pelas avaliações de desempenho ou para transmitir novos conceitos ou conteúdos.

Como são divididos os turnos? De que depende esta variação?

Actualmente, operamos 24 X 7 X 365. Temos vários turnos, com duração de 5, 6 ou 7 horas e que são definidos de acordo com as necessidades dos nossos clientes e com o fluxo de contactos.

Devido à natureza do trabalho, os operadores são submetidos a exames médicos periódicos?

A natureza do trabalho de Contact Center não é considerada uma actividade de desgaste rápido ou de alto risco, mas sendo obrigatório, estabelecemos contactos com o Centro de Segurança e Saúde no Trabalho, de modo a acautelar esta

questão. Não recebemos ainda resposta à nossa solicitação, por ser um processo moroso. Mas acreditamos ver o assunto ser resolvido brevemente.

Têm acautelados eventuais problemas de saúde, sobretudo, os de audição ou a nível neurológico?

Todos os nossos colaboradores beneficiam do seguro de acidentes de trabalho e temos equipas que prestam assistência imediata e encaminhamento para a clínica ou hospital mais próximo, conforme obriga a lei.

O que é que o contrato entre a Quality Contact Center as empresas para as quais presta serviço inclui?

Os contratos são bastante complexos, pois englobam vários aspectos fixos e variáveis. Por norma, o contrato base engloba objectivos operacionais, como tempos médios de atendimento, taxas de eficácia, eficiência e tempos médios de espera. É também definido, contratualmente, o número de colaboradores necessários para atingir os objectivos acima descritos, bem como o volume de chamadas que estes devem atender.

Quem custeia o tempo que duram as chamadas? O cliente, a Quality ou as empresas às quais esta presta serviços?

Temos operações em que quem liga é quem suporta o custo e outras em que é a empresa que contrata o serviço.

* COM NILSA MASSANGO



CAMINHADA À HONRA E À MORTE

Revestido de pedra branca, o Memorial inclui uma rampa. Esta leva ao caminho da honra, à passagem do soldado à morte. No centro, está uma estrela dourada, a mais alta condecoração do soldado. A chama que o imortaliza fica acesa, no centro da estrela, permanentemente.



ESCULTURA ALTURA DE 23 METROS

A escultura possui 23 metros de altura, 120 toneladas de ferro e uma estilização que representa 18 soldados. Cada peça pesa em média 8,7 toneladas. O Monumento é tridimensional e no extremo norte foi colocada a bandeira de Angola.

MEMORIAL

Salve, Soldado Desconhecido

O Monumento é, sobretudo, visitado no período da noite e muito curiosos aproveitam para tirar fotos.

Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O Monumento ao Soldado Desconhecido, acolhe, cada vez mais, milhares visitantes. Após a sua inauguração, a 23 de Setembro deste ano, observa-se constantes visitas de pessoas anónimas, que, diariamente, acorrem ao lugar para prestigiarem a obra que visa homenagear todos os soldados que morreram em defesa da Pátria.

O Monumento é mais visitado no período da noite. Muitos dos curiosos, à entrada do Monumento, aproveitam para fazer fotos com os seus telemóveis. Os fotógrafos de rua não perderam a oportunidade para fazer negócio.

Rafael Kanguya, estudante universitário do curso de Ciência Política, estava diante da imponente obra pela primeira vez. “Louvo a iniciativa do Executivo, pela construção da bela infra-estrutura. Esta obra devia ter sido feita há muito tempo, porque várias famílias perderam ente queridos durante

CARACTERÍSTICAS DO MONUMENTO

A construção do Memorial ao Soldado Desconhecido teve duração de quatro meses e foi erguido numa área de 18100 m². Foram plantadas 50 árvores à volta e na calçada.

Concebido em mármore, o Monumento tem dois murais. No lado esquerdo, estão gravadas as informações sobre o mesmo e, no direita, está escrito o Hino Nacional.

Revestido de pedra branca, o Memorial é feito em formato de rampa. Esta leva ao caminho da honra, que representa a passagem do soldado à mor-

te. No centro, está uma estrela dourada, considerada a mais alta condecoração de um soldado. A chama que imortaliza o soldado fica permanentemente acesa no centro da estrela.

A escultura possui 23 metros de altura, 120 toneladas de ferro e uma estilização que representa 18 soldados. Cada peça pesa em média 8,7 toneladas. O Monumento é tridimensional e no extremo norte foi colocada a bandeira de Angola. Ao longo do Monumento, existem gravuras em pedra, pintadas a mão. O pavimento também contém informações. **AR**

a guerra... Sinto-me feliz por ter a oportunidade de conhecer o Monumento”, expressou.

Quanto ao local onde foi erguido o monumento, Rafael opinou que foi muito bem escolhido. “A marginal de Luanda é um ponto turístico e, deste modo, vai atrair muito mais visitantes”, manifestou Rafael Kanguya.

Acrescentou que gostou do que viu e desejaria receber mais explicações sobre as gravuras desenhadas nas paredes da base que suporta a estrutura.

Eugénia Mota, estudante do ensino médio, mostrou-se satisfeita com o que viu. “O Largo Fernando Coelho da Cruz está muito bonito. Não reconheço o local”, disse, observando as

melhorias feitas: novos passeios, tapetes asfáltico e o jardim. Por estes e outros aspectos, Eugénia notou que “a Baixa está com outro visual”. Quando questionada sobre o simbolismo do Monumento ao Soldado Desconhecido, ela argumentou que “significa a coragem de muitos angolanos, que sacrificaram a vida em defesa da Pátria. É também um incentivo às gerações vindouras”, concluiu. A requalificação do perímetro estendeu-se à antiga livraria Lelo. Antes da requalificação, o Largo Coelho da Cruz albergava o restaurante Rialto, um quiosque e um balneário público. As duas últimas infra-estruturas acabaram ocupadas por moradores de rua.

INAUGURAÇÃO

O Monumento ao Soldado Desconhecido, erguido no

Largo Fernando Coelho da Cruz, na Baixa de Luanda, foi inaugurado no dia 23 de Setembro, por José Eduardo dos Santos, na altura, Presidente da República de Angola.

A Cerimónia registou vários momentos: apresentação do projecto; assinatura de um memorando entre o representante do Ministério da Defesa, Silvestre Francisco, e do Ministério da Construção, Filomeno Saraiva, director Nacional de Edifícios Públicos e Monumentos, que culminou com a entrega do monumento ao ministério da Defesa.

Foi, igualmente, testemunhada a entrega da maquete a José Eduardo dos Santos, que, tendo como som de fundo as 21 salvas de canhão, descerrou a placa, acendeu a chama que imortaliza o soldado e depositou uma coroa de flores.

FRANCISCO BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



TRIBUTO Dezenas de pessoas têm, ao longo do dia, visitado o Memorial, quer para conhecer mais um pouco da História de Angola, quer para prestar homenagem aos heróis tombados



RECONHECIMENTO LONGA HOMENAGEM

Ao longo da carreira, Prado Paim foi homenageado várias vezes, por instituições e projectos culturais, como Muzongué da Tradição, a Associação Njila ya Mwenho, o Clube de Amigos do Bengo e a Comissão Administrativa da Cidade de Luanda.



CARREIRA CANTOR DESDE CEDO

Embora nenhum dos filhos lhe tenha seguido as pisadas, Prado Paim contou que veio de uma família de artistas. Ele dedicou-se à música desde muito cedo. Ouvia suas tias a cantar, no quintal de casa, ao som do batuque e da marimba.

MÚSICA

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

Semba, Kilapanga e Rumba caem no esquecimento

O músico Prado Paím lamenta que hoje sejam poucos os jovens da nova geração de músicos interessados em interpretar temas antigos.

Manuela Mateus

journal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Que futuro se pode esperar do Semba e da Kilapanga? Esta é uma das principais interrogações do músico Prado Paim, para quem a maior parte da nova geração de artistas tem ajudado a desvalorizar estes estilos e, consequentemente, a enfraquecer a identidade nacional.

Prado Paim observou que, nos dias de hoje, são poucos os jovens da nova geração de músicos interessados em interpretar temas antigos, em especial aqueles feitos à base do Semba ou Kilapanga. Ritmos que noutro tempo foram usados na divulgação da música angolana de raiz.

“Estão a matar a Kilapanga, o Semba e a Rumba. A juventude agora só quer experimentar novos estilos, esquecendo-se dos géneros antigos”, criticou.

O antigo compositor reconheceu que, apesar do indiferença da maioria, há alguns músicos da nova geração interessados em interpretar temas clássicos angolanos, respeitando o mesmo ritmo. A utilização das línguas nacionais é outro aspecto que o músico considerou importante. Aos 75 anos, Prado Paím não perdeu, por outro lado, a oportunidade de fazer um reparo crítico às mensagens negativas e desrespeitosas que chegam ao público, via melodias de alguns artistas.

“O cuidado a se ter com o teor das composições é de extrema importância, porque ela é dirigida a um público diversificado. Os jovens não são os únicos ouvintes, mas também há velhos e crianças. Há mensagens ofensivas e os termos usados nos fazem doer os ouvidos”, disse, inquieto.

O músico pede que se reverta esta tendência, que se está a enraizar na música angolana. E que se faça o mais rapidamente possível, não importando o género. Diz também que o cantor é um formador de opinião e o facto de estar associado a um determinado tipo de linguagem apenas denigre a sua própria imagem.

VALOR DA MÚSICA DA VELHA GERAÇÃO

Atento às mudanças que ocorrem nas sociedades, Prado Paim exprime que, apesar do contexto ser outro e as épocas muito diferentes, há bastante a ser aproveitado das composições dos anos 70 e 80.

“Já fui várias vezes procurado por cantores da nova geração, interessados em interpretar as minhas músicas. De portas abertas, acolhi-os. Mas, quando fazem sucesso, nem sequer voltam para agradecer. O que peço é o respeito pelo autor da canção original. Que façam menção ao mesmo, quando forem receber os prémios”.

Fazendo uma análise ao seu percurso artístico, Prado Paim recordou que as suas letras sempre tiveram uma mensagem “educativa e apaixonante”. Principalmente, as composições feitas em Rumba, género que usa para melhor descrever “a beleza da mulher, o carinho e atenção que estas merecem”, esclareceu.

O autor do sucesso musical “Bartolomeu” recordou que já viveu bons momentos como músico e entristece-lhe a realidade que hoje testemunha.

“Os cantores mais velhos são colocados de lado, em detrimento dos mais novos. Isso é algo comum, pois a juventude se identifica mais com novos ritmos. Porém, é preciso lembrar que a sociedade é feita por vários extractos e mesmo entre os jovens há alguns que gostam dos estilos da música dos anos 50, 60 e 70. Todavia, é lamentável ver os empresários a banalizarem esses estilos”, criticou.

O músico, não obstante à sua idade, garantiu que ainda tem bastante energia para gravar mais um CD e voltar aos palcos. Queixou-se, por isso, dos potenciais patrocinadores e das entidades culturais, que não o apoiam.

“Apesar da idade, a voz não mudou; continua a mesma. Neste momento, tenho mais de oito músicas feitas. Se algum empresário estiver com vontade de apostar em mim, vou ao estúdio, porque estou em condições de gravar um CD com 12 faixas musicais”, disse.

DISCO DE OURO NA GALERIA

Prado Paim tem um disco de Ouro na sua galeria. Em 1974, vendeu mais de 34 mil cópias que lhe valeram o troféu. “Depois de ter ganhado o Disco de Ouro, consegui comprar a minha casa no Sambizanga, onde vivo até hoje”, congratula-se.

Prado Paim nasceu a 14 de Janeiro de 1942, no município do Dande, província do Bengo. Começou a cantar em 1945, com apenas três anos de idade. Em 1965, foi lançado ao palco do Kutonoka, por Dionísio Rocha e Luís Montez.

Embora nenhum dos filhos lhe tenha seguido as pisadas, Prado Paim contou que veio de uma família de artistas. Ele dedicou-se à música desde muito cedo. Ouvir suas tias a cantar, no quintal de casa, ao som do batuque e da marimba, era algo que o fascinava.

“Então, sempre que podia, ia fazendo as minhas canções. Com o passar do tempo, aperfeiçoei as letras e melhorei as melodias”, lembrou.

HOMENAGEM

Ao longo da carreira artística, Prado Paim foi homenageado várias vezes, por instituições e projectos culturais, como Muzongué da Tradição, a Associação Njila ya Mwenho, o Clube de Amigos do Bengo e a Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, do distrito do Sambizanga. **MM**

ÍCONE DA MÚSICA POPULAR ANGOLANA

Cantando, essencialmente, nos géneros Semba e Rumba, Prado Paim tornou-se um ícone da música popular angolana, nas décadas de 70 e 80. O músico acredita que o sucesso obtido ao longo da sua carreira foi-lhe de grande valia.

Doe Sangue Salve uma Vida



Faça Parte desta Causa!



INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE



ROTA AMBIENTAL AMIGA DE CACUACO E DO SEU BEM-ESTAR.



AJUDE O TRABALHO DA ROTA, FACILITE O ACESSO DO CAMIÃO
E DA EQUIPA DE COLECTA. TODOS SÓ TÊM A GANHAR.

LUGAR DE LIXO É NO CONTENTOR. FAÇA SUA PARTE!

ROTA
Ambiental

ORGANIZAÇÃO NOVO EVENTO MARCADO PARA DEZEMBRO

Irina Vasconcelos fez um balanço positivo do evento. “Recebemos várias ofertas, desde pão, sumos, água e outros bens”, destacou a cantora. Revelou que tem realizado projectos culturais. Para Dezembro, está previsto mais um evento, no âmbito da solidariedade.



OBJECTIVO COMBATE E PREVENÇÃO DE CASOS DE MALÁRIA

O evento surge das necessidades correntes no distrito e do combate e prevenção de casos de malária e febre tifóide, com a aproximação da época chuvosa, disse a administradora do Distrito Urbano do Neves Bendinha, Náulila André.



ALÍVIO Dezenas de meninos vêm supridas algumas necessidades básicas e têm encontrado amizade e compreensão

Projecto solidário leva conforto a crianças de rua

Os pequenos viveram vários momentos: actividades desportivas, música, dança e oferta de bens alimentares, em dois dias inesquecíveis.

Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O momento foi de diversão, em mar e em terra firme. Um mundo de crianças de rua envolveu-se na brincadeira, como já não o fazia há muito tempo. Aquele pedaço de água e areia pertenceu-lhe por pelo menos dois dias seguidos: um sábado e um domingo inesquecíveis, como o é a iniciativa de quem os proporcionou.

O gesto foi de solidariedade, do grupo “Solidário Unplugged”, que ofereceu momentos de muita alegria às crianças desfavorecidas do distrito urbano da Ingombota, município de Luanda. Os pequenos viveram vários momentos: actividades desportivas, música, dança e oferta de bens alimentares. O festival aconteceu nos dias 23 e 24 de Setembro e decorreu à beira-mar, em frente à Base Naval, na Ilha de Luanda.

José Maria, 12 anos, morador de rua, foi um dos escolhidos para participar no programa. O feliz contemplado não escondeu a sua alegria e disse à reportagem do Luanda, Jornal Metropolitana, que nunca teve a sorte de participar num evento como aquele. Ele deseja a continuidade do projecto.

“As pessoas não sabem o que é viver na rua e ficar sem comida”, desabafou o pequeno. Confessou que gos-

tou muito de receber uma camisola, de dançar e brincar. “O pão, o sumo e outras comidas que recebi vou dar também aos meus amigos, que não estiveram aqui... precisamos de mais apoios; queremos aprender a ler e escrever”, apelou José Maria. Lamentou, entretanto, o facto de ele e outros meninos não terem oportunidade de ir à escola. “Não sei ler, nem escrever”, disse o pequeno, que tem vontade de aprender. “Sonho ser médico”, disse.

A entrada para o recinto da actividade dependia da doação de produtos alimentares. Manuel Madura, 34 anos,

é taxista e faz a rota Ilha de Luanda/Mutamba e vice-versa. Teve conhecimento da realização do evento, através de uma rádio da capital. Dispensou o trabalho e estava no local com o seu doativo, pronto para fazer caridade. Ele dirigiu elogios aos jovens que abraçaram esta causa solidária e os incentivou a continuar.

O jovem taxista defendeu a realização de mais acções de beneficência, vindas de pessoas singulares. “Estes pequenos gestos são tão importantes que devolvem a alegria a pessoas que às vezes não têm nem o que comer”, salientou.

ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

“Solidário Unplugged”, ou seja, Solidário Desconectado” é a denominação de uma acção de beneficência que visa apoiar crianças desfavorecidas. A organização está a cargo da cantora Irina Vasconcelos.

As entradas foram gratuitas, porém, cada interessado em tomar parte dela fez-se acompanhar de, pelo menos, um bem alimentar. Segundo Irina Vasconcelos, além da doação, a actividade serviu para que os participantes aliviassem o stress, com exercícios físicos, e passassem bons momentos ao lado dos familiares e amigos. Muitas conhecidas marcas de vários seg-

mentos do mercado patrocinaram o evento. Lá estiveram, os artistas Gari Sinedima, Kizua Gourgel, Jack Nkanga e outros, que animaram a festa. Irina Vasconcelos fez um balanço positivo do evento. “Recebemos várias ofertas, desde pão, sumos, água e outros bens”, destacou a cantora. Revelou que tem realizado projectos culturais. Em Dezembro deste ano, vai organizar mais um evento, no âmbito da solidariedade. Esta foi a primeira edição do projecto “Solidário Unplugged”. “As crianças precisam de ajuda e devemos dedicar-lhes o nosso tempo”, concluiu.

AR

NEVES BENDINHA

Jogos de futebol no bairro dão lugar à Feira da Saúde

Aos fins-de-semana, o Campo do Mané, no Neves Bendinha, tem servido de espaço onde moradores se juntam para disputar ou ver jogos de futebol. Há cerca de uma semana, a habitual partida foi, entretanto, substituída por uma Feira de Saúde, realizada para ajudar a diminuir a carência destes serviços em áreas do distrito. E assim será a cada final do mês.

Dezenas de pessoas, entre elas idosos, jovens e mães com os respectivos filhos, chegaram ao local para uma consulta gratuita de pediatria, clínica geral ou ortopedia. Também estiveram disponíveis serviços de análises clínicas, testes de VIH/Sida, rastreio da hipertensão e do diabetes, assim como se fez o complemento do calendário de vacinação para crianças.

O evento surge das necessidades correntes no distrito e do combate e prevenção de casos de malária e febre tifóide, com a aproximação da época chuvosa, disse a administradora do Distrito Urbano do Neves Bendinha, Náulila André.

“É uma forma de levarmos junto da comunidade os serviços básicos de saúde e prevenção”, garantiu. A administradora realçou que a Feira de Saúde será realiza-

da no final de cada mês, com o apoio de especialistas do Hospital Neves Bendinha, Centro Ortopédico do Neves Bendinha e do Hospital Geral de Luanda.

Os técnicos de saúde também distribuíam lixívia para o tratamento da água para o consumo, fizeram sensibilização sobre medidas de prevenção de higiene e falaram das consequências do uso de água imprópria, as doenças que dela resultam e a quantidade de lixívia que devem levar a água.

Maria Madalena, moradora do bairro Popular, disse que a Feira é uma iniciativa que deve continuar, no sentido de ajudar a população. “Aqui, o atendimento é rápido. Em menos de duas horas, fui logo despachada”, disse a idosa, que tinha uma receita na mão e se encaminhava para uma farmácia.

Para a jovem Paula Garcia, que há já alguns dias sentia fortes dores de cabeça, disse que ouviu falar da realização da Feira de Saúde e chegou cedo, para ser das primeiras a ser atendida. Acrescentou que gostou do atendimento. “Agora, todos os meses vou aproveitar estas feiras, para fazer a prevenção do meu estado de saúde”, garantiu.

JP



CONSULTAS Moradores ficaram a par do estado de saúde



INVESTIMENTO MAIS OBRAS ESTÃO EM CURSO

Em curso, estão as obras de reabilitação da rua Soba Mandume, a construção da sede da Administração do Marçal e da Escola do II Ciclo, no bairro do CTT, garantiu o administrador Francisco Naval.

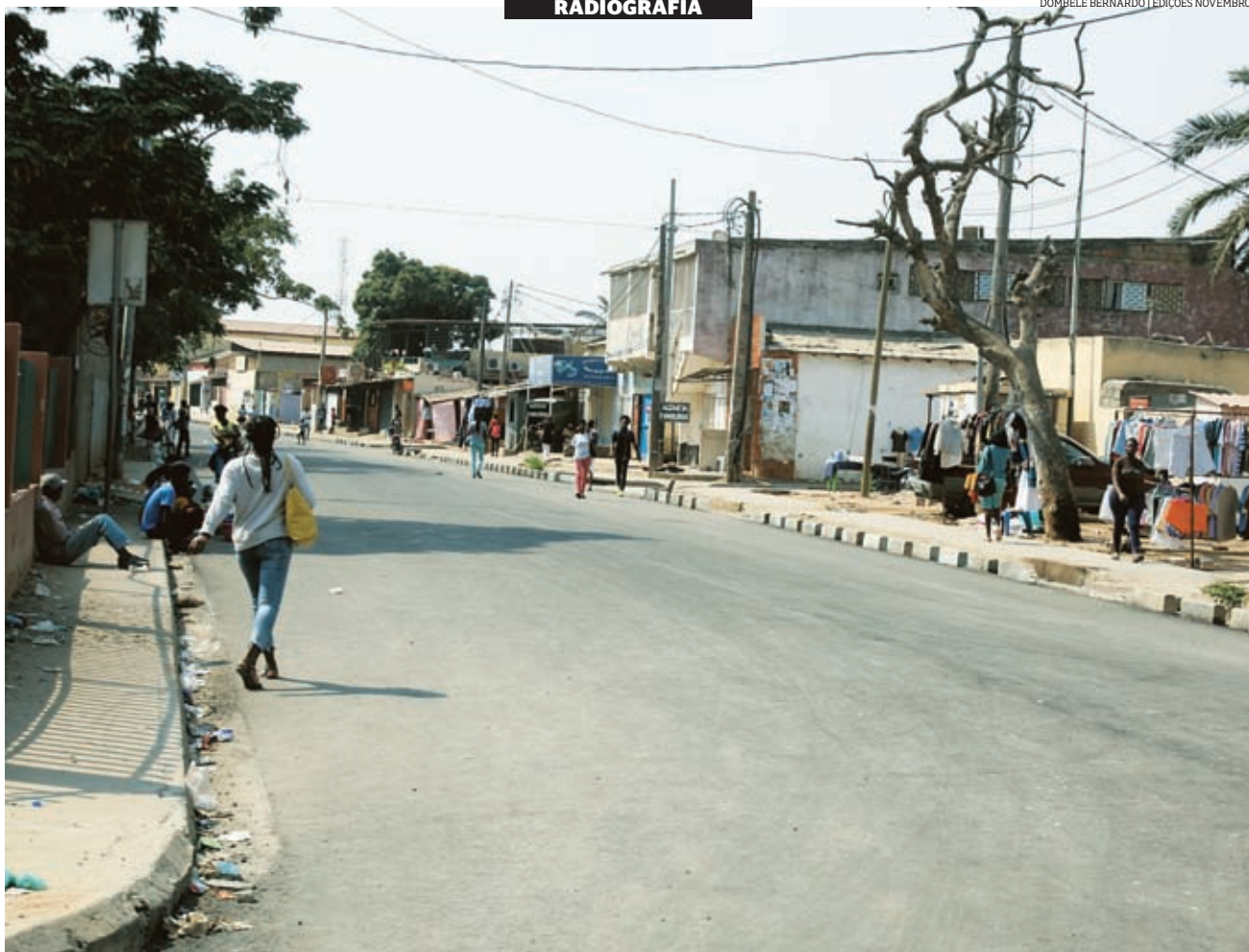


MELHORIAS INFRA-ESTRUTURAS DIVERSAS

O distrito tem hoje várias infra-estruturas, com destaque para a Estrada da Brigada, que foi, durante muito tempo, intransitável. Há também o Centro de Formação Tecnológico, Cinfotec-Rangel.

RADIOGRAFIA

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



RECUPERAÇÃO Estrada da Brigada está agora aberta à circulação, depois de muitos anos sem condições

Rangel emerge para a vida

Distrito completa 10 anos e aposta na melhoria das infra-estruturas e na qualidade da formação

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A Estrada da Brigada pode muito bem representar o exemplo das melhorias registadas nas infra-estruturas rodoviárias do distrito urbano do Rangel. A circulação de viaturas faz-se sem constrangimentos. Há alguns meses, o cenário era diferente, como o foi ao longo de muitos anos. É verdade que existe ainda muito a fazer, neste e em outros sectores, como o admite o administrador Francisco Naval. Porém, o caminho a trilhar é de esperança, num distrito que celebra o 10 aniversário.

O Rangel está muito longe da maturidade, a julgar pelos seus 10 anos. A data do aniversário foi concertada, depois de várias consultas, realizadas junto da sociedade civil, e a seguir a pesquisas em arquivos históricos. É, pois, dentro deste espírito que o distrito se move: o de união entre as autoridades e os moradores.

A denominação "Rangel" surge do nome de um patriarca da família Mo-

reira Rangel, que foi dos primeiros habitantes da área, na altura "Musseque Sete", de acordo com a explicação do administrador. Deste passado para o momento actual, a circunscrição mudou muito. Por isso mesmo, as celebrações, além do cariz de diversão, pretenderam uma reflexão sobre a importância das raízes culturais, dos rituais e da convivência.

Francisco Naval disse que o distrito tem hoje várias infra-estruturas, com destaque para a Estrada da Brigada, que foi, durante muito tempo, intransitável. Há também o Centro de Formação Tecnológico, Cinfotec-Rangel, localizado no bairro do CTT.

"Um centro com múltiplas funções de formação e que vai permitir aos jovens do distrito ganhar competências para ingressar no mercado de emprego", detalhou. Em curso, estão as obras de reabilitação da rua Soba Mandume, a construção da sede da Administração do Marçal e da Escola do II Ciclo, no bairro do CTT. "As ruas de Olivença, Dona Amália, Perna Mbuco e Ambaca entram em obras a qualquer altura", acrescentou Francisco Naval.

O saneamento básico é um proble-

ma quase comum a todos os municípios de Luanda. No Rangel, a situação não é diferente. O administrador disse que a circunscrição conta com a colaboração da operadora Queirós Galvão. Reconheceu que, no princípio da operação, as coisas não corriam bem, mas que, agora, é visível a colocação de contentores em toda a extensão do distrito.

Com o trabalho de terraplanagem em curso no interior do Rangel, o administrador espera que a operadora possa efectuar a recolha do lixo nos dois períodos do dia, para que os moradores deixem de ir até às principais vias, como a Deolinda Rodrigues, Hoji ya Henda e Ngola Kiluanje, para deitar os detritos. Realçou que as zonas da Terra Nova, Ngongo e Dona Amália apresentam insalubridade, devido às águas que emergem do subsolo.

O distrito do Rangel, no dizer do administrador, está contemplado no Projecto de Requalificação do Cazenga e Sambizanga. "Os bairros das B e C beneficiaram da requalificação. O bairro da Terra Nova esteve, igualmente, contemplado. Mas, devido à crise, as obras não foram concluídas", esclareceu.

VENDA AMBULANTE

Outro problema preocupa as autoridades locais: a venda ambulante. Segundo o administrador, o distrito urbano do Rangel dispõe de dois centros comerciais, nomeadamente, Congolese e Gajajera. Por outro lado, citou os mercados dos Congolese, da Chapada e do Tunga Ngó, também à disposição, mas que se encontram vazios, "porque as pessoas pensam que vender na rua é melhor". O responsável recordou que a venda na via pública constituiu crime de transgressão administrativa.

Dois quintais foram disponibilizados, na área das Pedrinhas, para acomodar as vendedoras que comercializavam os produtos na rua, segundo o administrador. Mas ninguém os ocupou, o que lamentou, pois "há a insistência de se fazer o negócio na rua".

O Rangel está a ser assolado por roturas de água, "por causa do aumento na distribuição". Os bairros mais afectados são a Vila Alice e a Terra Nova. Por exemplo, as ruas do Goa e Macau, junto à fábrica FTU, encontram-se totalmente inundadas. Francisco Naval garantiu que os técnicos afectos à Epal estão no terreno para contornar a situação.

As obras de requalificação que decorriam na Terra Nova fizeram que al-

gumas sarjetas não funcionassem. "Estas roturas têm a ver com as canalizações, que são bastante antigas e que precisam de substituição", explicou.

SEGURANÇA PÚBLICA

A situação de segurança no Rangel é normal. O administrador do distrito descreveu o quadro como "calmo", o que se deve "à estratégia utilizada pela Polícia e que está a baixar, consideravelmente, os índices de criminalidade no distrito".

Os crimes mais relevantes na circunscrição têm a ver com rixas entre os gangs no interior do bairro. "São grupos juvenis que se confrontam com garrafas. Mas a Polícia está atenta à situação", esclareceu.

Francisco Naval explicou que, recentemente, um grupo de 40 indivíduos foi detido e conduzido à cadeia, por prática de actos criminosos. Acrescentou que alguns desses delinquentes são menores de idade e, a pedido da Procuradora do distrito, os encarregados foram responsabilizados e intimados a comparecer, periodicamente, para informar às autoridades sobre o comportamento dos filhos.

O distrito urbano do Rangel é composto pelos bairros do Marçal, Zangado, CTT, Precol, Tunga Ngó, Terra Nova, Nelito Soares e Rangel (sede). **FM**

EDIÇÕES NOVEMBRO



ADMINISTRADOR Francisco Naval fala em melhorias



CONSELHOS CUIDADOS ESPECÍFICOS

“Os professores aconselham a fazer uma alimentação equilibrada, sem esquecer as verduras e frutas. Não podemos comer muito, próximo das horas do treino. Isso pode dificultar a nossa movimentação. Antes de entrarmos para água, são obrigatório exercícios de alongamentos e aquecimento”.



REVENDA PRODUTOS CHEGAM DE DIFERENTES LUGARES

Os principais espaços onde quem vende roupa usada a adquirir estão espalhados por Luanda.

Entre estes, destaca-se uma das maiores superfícies comerciais do país, localizada em Viana. É a conhecida “Cidade da China”, para onde, mensalmente, acorrem milhares de pessoas.

EU SOU O FUTURO

DOMINGOS CADENÇA



CONQUISTAS Stephanie Jurado junta recordes nacionais

A nadadora de ouro

Stephanie Jurado é a menina dos recordes na natação angolana. Apaixonada pela modalidade, para a qual entrou influenciada pelos progenitores, que, por sinal, foram exímios praticantes, começou a dar as primeira braçadas aos nove meses, no Colégio Conceito. Depois de algum tempo de paragem, retomou há um ano, já no Clube Desportivo 1º de Agosto. Muito simpática, na sua curta trajetória, tem um número considerável de feitos. Ela surpreendeu pelo à vontade e logo mostrou ser uma das alunas mais carismáticas, entre os colegas, na turma do professor Octávio Aguiar.

QUEM EU SOU...

Nome: Stephanie Jurado

Idade: 9 anos

O que faz: Estudo e pratico natação

Sonho: Representar Angola nos Jogos Olímpicos

Como pensa concretizar este sonho: Continuar a estudar e a praticar a natação, ao mesmo tempo.

Fonte de inspiração: A minha colega da natação, Sebastiana

Incentivo: Os meus pais (Delfin e Nair), são eles os responsáveis da minha paixão pela natação.

O que representa a natação para si?: É a melhor coisa que me aconteceu. Gosto de estar aqui no 1º de Agosto; tenho muitos amigos e amigas, os professores são muito simpáticos e espero que outras meninas também possam praticar esta modalidade bonita.

Conquistas: Campeã

nacional individual, em todos os estilos e distancias; tenho oito medalhas de ouro e já bati 15 recordes. Isso me motiva a continuar, porque gosto muito da natação e espero um dia chegar aos mundiais e Jogos Olímpicos.

Como encara as competições: Sempre que entro para uma competição é com o objectivo de me divertir, assim como faço nos treinos, e depois me surpreendo com o meu próprio resultado. Os professores e os pais ficam felizes com a minha performance e isso me incentiva a fazer melhor todos os dias.

Tempos livres: Gosto de brincar e praticar natação. Por norma, as escolas de natação fecham na época de Cacimbo, mas este ano foi diferente. O meu pai levou-nos a um hotel com piscina onde eu nadei com os meus irmãos. Divertimo-nos muito.

Que conselhos aos colegas e amigos: Que continuem na natação.

FARDOS

Roupa usada veste luandenses

O fardo, como é conhecido, é vendido em qualquer esquina, pendurado em paredes ou preso em cabide debaixo de tendas.

Solange da Silva

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Se, nos anos 60 e 70, os armazéns da Gajageira vestiam grande parte dos luandenses, a preços ao alcance de todos os bolsos, hoje, a realidade é outra. Há muito boa gente a vestir-se dos chamados fardos ou “fardex”. Na verdade, em Luanda, a venda de roupa usada sempre foi um bom negócio e nunca teve falta de clientes. Nos últimos tempos, notamos que a roupa usada vende muito, não só pela preferência de uns, mas, sobretudo, pela necessidade da maioria. A crise económica obrigou os luandenses a socorrem-se das “boutiques” que vendem este tipo de roupa, por oferecerem melhores preços.

Este negócio do fardo, por sua vez, lançou dezenas de mulheres ao mercado. As vendedoras que fazem das ruas suas lojas conseguem dar resposta às necessidades dos clientes. As “roupas de fardo” povoam o mercado “Arreio-Arreio”, como se diz popularmente. Há muita gente desejosa em comprar e ninguém se queixa dos preços, o que indica que eles estão sempre arriados.

É comum ver-se, em vários pontos da cidade de Luanda, roupas usadas penduradas em paredes, onde são ex-

postas como nas montras de boutiques. Também podemos encontrar essas roupas nas bancas de mercados, em paragens de táxis, em contentores e nos armazéns. A tática de usar as paredes, tanto nos mercados formais e informais, funciona como chamariz ao último grito da moda.

BOUTIQUES EM PAREDES E A CÉU ABERTO

Ana Maria, 45 anos, vende roupa usada há mais de dez anos, no mercado dos Congolese. Ela disse à reportagem do Luanda, Jornal Metropolitano, que coloca as roupas na parede para “chamar os clientes. Muitas pessoas não têm paciência de escolher as peças que colocamos no chão, aos montes. Mas, quando olham para as penduradas na parede, interessam-se e o nosso trabalho fica facilitado”.

Ana Maria compra a mercadoria a baixo preço, em alguns armazéns da Via-Expresso e do Cazenga. “Estas roupas usadas têm mais qualidade do que certas peças novas, de origem duvidosa, e que são vendidas a preços altos”, gaba-se a vendedora, que, com uma das mãos, segura uma toalha para sacudir a poeira das roupas e, com a outra, imobilizar o guarda-sol que lhe cobre o corpo robusto.

Teresa Ngunga, do mercado do São Paulo, também vende fardos há mais

de 20 anos. “Sempre foi um negócio de altos e baixos. Mas, ultimamente, está a dar muitos lucros”. A experiência ensinou-lhe que, neste negócio, não se colhem apenas bons frutos.

“Vender roupas usadas é um negócio arriscado. Podemos ter o azar de abrir um balão de fardo que tenha roupas sem qualidade... Acabamos por perder dinheiro”, advertiu.

Ela já vendeu roupa usada nos mercados Roque Santeiro, Katinton e Asa Branca. Agora no “Arreio-Arreio”, ainda teme os agentes da fiscalização, que, a qualquer hora, podem apreender as suas mercadorias penduradas nas paredes.

A vendedora reconhece que expor as roupas na rua e nas paredes é ilegal. “Por isso, os agentes da fiscalização apreendem as nossas mercadorias. Mas temos mesmo de usar esta técnica para atrair clientes”, argumentou. Para ela, as paredes, transformadas em montras, ajudam a vender ainda mais.

Vender roupa, seja onde for, é encarada pelas vendedoras como uma saída para fugir ao desemprego. O facto de, já há alguns anos, o número de pessoas nesta actividade ter aumentado, significativamente, pode ser indicativo da escassez de emprego. São muitas as jovens mulheres que ganham o sustento das famílias com na venda de roupa usada.

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



À ESCOLHA DO CLIENTE Penduradas em cabides ou espalhadas no chão, roupas diversas estão à disposição

EM CONSTRUÇÃO NOVO MERCADO PARA CINCO MIL VENDEDORES

Em curso, está a construção de um mercado de raiz, nas imediações do bairro da Sapu II. O espaço vai acolher cinco mil vendedoras, de acordo com o administrador do "11 de Novembro", Manuel Fernando Fala.



FLORINDA KALANDULA JÁ SE VENDEU MAIS

Florinda Kalandula, que vende produtos do campo a grosso, também é de opinião que os negócios já foram mais rentáveis no local. Actualmente, ela limita-se a vender o que pode. Um saco de cenoura de 10kg, a 1,500 Kz; um saco de batatas rena, a 3.500Kz.



OFERTA

MOTA AMBRÓSIO | EDIÇÕES NOVEMBRO



PRODUTOS A praça funciona a título provisório e tem capacidade para acolher mil e quinhentas quitandeiras, que, entretanto, queixam-se de dificuldades na venda

Lucros baixam no mercado 11 de Novembro

O mercado "Braços e Filhos", como também é conhecido, "nasceu" há cerca de cinco anos, no bairro Sapu II.

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

No mercado 11 de Novembro, situado no bairro da Sapu II, no município de Talatona, é comercializado uma vasta gama de produtos, a grosso e a retalho. Muitos destes bens são despachados a vendedoras de outras praça municipais.

O administrador do mercado, Manuel Fernando Fala, revelou que a praça é privada. "O mercado 11 de Novembro, "Braços e Filhos", como também é conhecido, nasceu há cerca de cinco anos e alberga, maioritariamente, mulheres que vendiam produtos diversos na rua onde estamos e nos arredores", esclareceu o responsável.

A funcionar com carácter provisório, o mercado 11 de Novembro tem capacidade para mil e quinhentas qui-

tandeiras e conserva ainda muitos lugares vagos, à espera das senhoras que teimosamente vendem na rua.

Apesar deste constrangimento, o administrador do espaço anunciou que está em curso a construção de um mercado de raiz, nas imediações do bairro da Sapu II, que vai acolher cinco mil vendedoras. "Haverá lugar suficiente para acolher todas as quitandeiras que ficam nas ruas. Pena é que a maioria não recebe bem a ideia de vir para aqui", lamentou Manuel Fernando Fala.

ALTOS E BAIXOS NOS NEGÓCIOS

No mercado 11 de Novembro, a comercialização de produtos é feita por áreas. Podemos encontrar de tudo um pouco: hortaliças, frutas, perecíveis, roupas usadas, materiais de construção, alimentação e armazéns.

Luzulau António, comerciante e coordenador da área de venda de car-

DIAS SEM VENDA

Luzulau António, vendedor de barrotes, diz que os fracos lucros devem-se à crise económica e financeira que o país atravessa. Desabafou, dizendo que dói muito passar o dia no mercado e não vender qualquer mercadoria. "Já voltei a casa sem dinheiro no bolso", queixou-se.

Antónia Lofa é vendedora de carvão, há dois anos, no mercado 11 de Novembro. Também não está satisfeita com os lucros. "Um saco de carvão agora subiu a 3.500 kwanzas. As pessoas não estão a

comprar. O custo de vida aumentou e os preços também tiveram de subir", justificou.

Desmotivada com a situação, a vendedora pede uma tomada de medida das autoridades. "Tirem as vendedoras da rua. As nossas colegas que ficam à entrada do Calemba II são as causadoras da fraca venda no mercado 11 de Novembro. Quando os clientes estão a vir para cá, encontram-nas e compram os seus produtos. Deixam de entrar no mercado", contou Antónia Lofa, contrariada. **MM**

vão e barrotes para construção civil, contou ao Luanda, Jornal Metropolitano, que, antes da crise económica, as vendas eram mais lucrativas.

Não tendo outro modo de garantir o sustento da família, ele e colegas do mercado permanecem fiéis ao negócio, na esperança de que maiores lucros virão com o tempo. Alguns barrotes de madeira são provenientes das províncias do Bengo e Cuanza-Norte, adquiridos ao preço de 400 Kwanzas cada e revendidos a 700 ou 600 Kz. Para justificar esta quebra nas vendas, o comerciante buscou vários motivos. "Muitas pessoas pararam as obras de construção civil, outros não têm dinheiro para adquirir materiais.

Luzulau António recordou que, em anos anteriores, num dia, lucravam entre 50 a 100 mil Kz. Mas, agora, as vendas diminuíram consideravelmente. "Há dias em que não vendo absolutamente nada", confessou.



PAULO SEBASTIÃO LUGARES SEGUROS

Paulo Domingos Sebastião disse que as farmácias são os únicos locais seguros para a compra de fármacos. Por isso, "devem ter profissionais altamente formados, para orientar os doentes a seguir a medicação. Devem esclarecer o que o médico prescreveu, contrariando aqueles que perseguem os lucros, quando, em vez de antibiótico, passam analgésico".



ADÃO AUGUSTO NÍVEL DE FORMAÇÃO É LAMENTÁVEL

Adão António Augusto, que se encontrava a comprar medicamento numa farmácia, em Viana, lamentou o nível de formação destes farmacêuticos, pois "deixa muito a desejar". Há casos em que o paciente solicita um determinado fármaco, eles dão outro.

IRREGULARIDADES

Farmácias "anestesiadas" periferia

Algumas eram estabelecimentos comerciais de venda de produtos alimentares e bebidas, pertencentes a angolanos. Estes, como que anestesiados, acabaram por cedê-las a estrangeiros.

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A maioria das farmácias que exerce actividade de comercialização de medicamentos, na periferia de Luanda, não observa as normas exigidas pelas autoridades sanitárias do país. A situação é grave e alastra-se, colocando em risco a vida de milhares de pessoas.

A actividade de venda de medicamentos é exercida, maioritariamente, por cidadãos estrangeiros, oriundos de países da África do Oeste, com destaque para os malianos, senegaleses e congoleses, como constatou a reportagem do Luanda, *Jornal Metropolitano*. Muito desses comerciantes vieram com o propósito de exercer actividades num ramo diferente, mas enveredaram para a venda de medicamento, negócio para o qual têm o auxílio de angolanos detentores de alvarás.

Algumas farmácias eram estabelecimentos comerciais de venda de produtos alimentares e bebidas, pertencentes a cidadãos nacionais, que, sem sucesso na actividade, acabaram obrigados a alugar os alvarás a cidadãos estrangeiros, com quem, inicialmente, faziam sociedade. O testemunho é de Ana Fernanda, que mora ao lado de uma destas lojas, na Petrangol, município de Luanda. À medida que os lucros cresciam, já com a loja a comercializar também outros produtos, os imigrantes negavam-se a manter a parceria, exigindo o aluguer das licenças comerciais, para poderem ser os donos do negócio, explicou a senhora, que disse já ter sido, por diversas vezes, tentada a arrendar a sua habitação.

Em pouco tempo, começou a assistir-se ao domínio dos estrangeiros no negócio das farmácias, em zonas periféricas de Luanda. Muitos cidadãos nacionais não resistiram às propostas e foram arrendando parte das suas resi-

dências. Os estrangeiros começaram, depois, a convidar amigos e parentes nos seus países para virem fazer o mesmo trabalho. Em pouco tempo, chegou-se à situação que se conhece hoje: proliferação de farmácias ilegais; funcionários sem qualificação, nem formação e alvarás fora do prazo de validade, em estabelecimentos que, ao mesmo tempo, vendem cigarros ou baralhos de cartas. Existem, inclusive, espaços desses que não passam factura.

Além de funcionarem à margem da lei, muitos destes estabelecimentos não estão estruturados segundo as normas definidas para o exercício da actividade no país. Também comercializam medicamentos fora do prazo de validade, mal conservados, falsificados e muitos de origem duvidosa.

"É um risco comprar nestas farmácias. Algumas conseguem os medicamentos no mercado dos Kwanzas", disse, por seu lado, uma enfermeira. Ela referiu-se, inclusive, a pacientes que usaram fármacos desses lugares e viram deteriorado o seu quadro clínico.

Adão António Augusto, que se encontrava a comprar medicamento numa Farmácia, em Viana, lamentou o nível de formação destes farmacêuticos, pois "deixa muito a desejar". Segundo ele, "há casos em que o paciente solicita um determinado fármaco, eles dão outro, que nada tem a ver com o receitado pelo médico".

Por seu lado, Paulo Domingos Sebastião disse que as farmácias são os únicos locais seguros para a compra de fármacos e devem ter profissionais habilitados para orientar os pacientes, em como seguir a medicação.

"Devem ter profissionais altamente formados, para orientar os doentes a seguir a medicação. Devem esclarecer o que médico prescreveu, contrariando aqueles que perseguem os lucros, quando, em vez de antibiótico, passam analgésico", criticou.



DISSEMINAÇÃO Estabelecimentos ilegais de venda de fármacos proliferam em Luanda

VENDA NA RUA

Nos últimos tempos, a venda de medicamentos também é feita de forma desregrada, na via pública. Embora os vendedores, na sua maioria, se recusem a abordar o assunto, João Luzadiako não teve problemas. Vendedor ambulante do produto, ele justifica-se com uma pergunta recorrente: "se não tenho emprego, vou viver de que? Acrescenta que já esteve preso, por vender medicamentos na rua. "Mas não deixo, por não ter outra forma de ganhar o pão para sustentar a família".

Para a farmacêutica Josefa Gabriel Fernando, "as consequências resultantes da compra em farmácias improvisadas ou na rua podem ir até à morte, por intoxicação, ou reacções a medicamentos que perdem elementos químicos, por causa do sol".

A especialista alerta que muitos medicamentos que circulam em algumas farmácias e ruas já foram proibidas pela Organização Mundial da Saúde. "Na praça é mais barato, mas é sempre bom pagar um pouco mais e ter a saúde em dia, do que poupar e pôr a vida em risco", aconselhou.

EPICENTROS

Cazenga, Viana e Kilamba Kiaxi podem ser considerados os municípios com o maior número de farmácias geridas por cidadãos estrangeiros. No Cazenga, muitas farmácias são tidas como ilegais e como estando a comercializarem medicamentos expirados. Os proprietários, entretanto, alegam que têm os documentos em dia que cumprem com as normas estabelecidas pelo Ministério da Saúde.

"Tratamos todos os documentos que a Lei angolana exige. Mesmo assim, somos constantemente apoquentados pela fiscalização e por outros órgãos", disse um farmacêutico, que não se quis identificar.

Na Mabor, um dos bairros com o maior número de farmácias geridos por cidadão estrangeiros, alguns estabelecimentos encontravam-se encerrados, por estarem ilegais. Na Vila do Gamek, na farmácia de um cidadão maliano, ocorre uma situação não tão caricata assim: uma mulher desejava comprar creme depilador. O farmacêutico desconhecia de que se tratava.

No distrito urbano do Rangel, várias farmácias estão fechadas. Os proprietários, cidadãos malianos, foram intimados pela Polícia Económica, por venda de fármacos fora do prazo.

ALERTAS

O Governo da Província de Luanda, ao abrigo do regulamento sanitário do país, proibiu, em Maio de 2009, a comercialização de medicamentos e equipamentos hospitalar em locais impróprios e inadequados.

Os fármacos vendidos em locais como mercados, ruas, cantinas e farmácias, sem condições, ao invés de curar as doenças podem matar, tendo em conta a má conservação e a exposição à luz solar. O alerta é do Instituto Nacional da Defesa do Consumidor (INADEC).

O INADEC lembra que o consumidor pensa que está comprar mais barato nestes locais do que na farmácia. A instituição aconselhou a população a ter muita atenção com os prazos de validade e o estado de conservação na compra de medicamentos, de forma a se evitarem males maiores. **FM**

Evitar essas doenças é bué fácil. Basta deitar o lixo no sítio correcto.



MALÁRIA ✖

CÓLERA ✖

FEBRE TIFÓIDE ✖

NOVA
AMBIENTAL

O lixo pode atrair insectos e animais nocivos à saúde da tua família.
Coloca o lixo em sacos e deita no contentor.
Faça a sua parte.

NOVA
AMBIENTAL



EPAL-E.P. SERVIR COM QUALIDADE CADA VEZ MAIS E MELHOR.

COMUNICADO

*Estimado Cliente,
Actualize o seu contacto telefónico nos
balcões das agências e postos comerciais da
EPAL-E,P para receber a conta do consumo
de água por mensagem (SMS).*

Horário: Aberto de Segunda à Sexta das 08H00 às 15h30
Sábado das 08h00 às 12h30

Água é vida. Dê vida à EPAL pagando o consumo



À CAPITAL ATENÇÃO ESPECIAL

Luanda beneficiou de uma maior quantidade de viaturas pelo facto de registar uma preocupação acrescida com a segurança pública, aliado ao de ser a província com maior densidade populacional, requerendo, por isso, uma atenção muito especial.



PRIORIDADE DAR SUPORTE A ESQUADRAS

De acordo com o segundo comandante-geral comissário-chefe Salvador Rodrigues, os bens vão cobrir algumas esquadras que se encontram desprovidas de transporte. Foram entregues 200, de um total de 300 veículos.

Factos

ENTREGA DE VIATURAS

MEIOS VÃO FACILITAR TRABALHO DA POLÍCIA

Moradores dos diferentes bairros de Luanda queixam-se, com frequência, da ausência da polícia, quando accionada para intervir numa determinada situação delituosa. Em outros casos, as autoridades acorrem, porém, já demasiado tarde. Para qualquer dos momentos, a justificação está quase sempre ligada à falta de meios.

As situações atrás relatadas vão ficar substancialmente reduzidas, com os meios que órgãos da Polícia Nacional em Luanda receberam. De acordo com o segundo comandante-geral da Polícia Nacional comissário-chefe Salvador Rodrigues "Dodo", os bens vão cobrir algumas esquadras que se encontram desprovidas de transporte.

Cem viaturas foram entregues, pelo secretário de Estado do Interior para os Serviços Penitenciários, José Bamóquina Zau, à Polícia Nacional, Serviço de Migração e Estrangeiros, Serviço Penitenciário e Serviço de Investigação Criminal. No total, são 300 veículos, que vão reforçar o trabalho da corporação. Os restantes serão entregues "depois de ultrapassadas questões técnicas", de acordo com o governante.

O secretário de Estado afirmou que as viaturas vão reforçar as actividades operativas dos órgãos do Ministério do Interior e estão inseridas no âmbito do Plano de Potenciação do sector. É assim que a Polícia Nacional recebeu, numa primeira fase, 50 viaturas e o Serviço Penitenciário, 14. Os Serviços de Investigação Criminal, Protecção Civil e Bombeiro e Migração e Estrangeiro receberam oito cada.

O segundo comandante-geral da polícia nacional justifica a quantidade de viaturas que Luanda recebeu com o facto de registar "uma preocupação acrescida com a segurança pública, aliado ao de ser a província com maior densidade populacional, requerendo, por isso, uma atenção muito especial por parte do Comando Geral da Polícia Nacional".

DOMIANA N'JILA



ACTO Entrega dos meios decorreu no Instituto Superior de Ciências Policiais



EMERGÊNCIA

DOMINGOS CADÊNCIA | EDIÇÕES NOVEMBRO

ORDEM Efectivos da Polícia Nacional prontas para acudir situações que colocam em risco a segurança

Mais de cinco mil chamadas diárias no 113

André da Costa
jornal.metropolitano@gmail.com

O terminal telefónico 113 é o número de emergência do Comando Provincial de Luanda da Polícia Nacional. É usado por milhares de cidadãos para comunicar a ocorrência de crimes, quer na via pública, quer em residência. É um sistema de atendimento personalizado, que permite à Polícia atender remotamente todas as solicitações dos cidadãos.

A quem, por exemplo, faltar tempo ou condições para chegar a uma esquadra próxima poderá, através deste número (113), contactar as forças da ordem de forma grátis. O porta-voz da Delegação Provincial de Luanda do Ministério do Interior, intendente Mateus Rodrigues, frisou que o número é ainda usado para comunicação com a Polícia, em casos de acidentes de viação em todo o país. O terminal telefónico tem 30 linhas de atendimento.

Sempre que recebem solicitações de cidadãos aflitos, os funcionários, efectivos da Polícia Nacional, estabelecem imediatamente contacto com a esquadra de Polícia mais próxima à área onde o crime está a ocorrer, no sentido de se deter os presumíveis meliantes.

Uma vez detidos, é instruído um processo-crime, que é apresentado ao Ministério Público para legalização da

prisão e posterior julgamento, pelos tribunais. Além do 113, existem outros números que servem como auxiliares da actividade policial, permitindo que os cidadãos estejam mais próximos da Polícia.

Mateus Rodrigues disse que, diariamente, aquele serviço atende até cinco mil chamadas, durante as 24 horas de funcionamento. Deste número, a maior parte das chamadas não tem interesse policial, ou seja, é brincadeira de cidadãos.

O 113 funciona 24 horas por dia e atende em simultâneo 30 pessoas. As demais chamadas ficam em espera, até que uma das 30s desligue para dar lugar a uma outra, como relata Mateus Rodrigues.

Mateus Rodrigues explicou que, se, por acaso, receberem mil chamadas, somente entre 10 a 30 são de interesse policial. As chamadas de brincadeira são protagonizadas por cidadãos incutidos de má-fé, que chegam ao ponto de comunicar uma ocorrência e postos no local do

sinistro dão conta que é informação falsa. Mateus Rodrigues disse que questões técnicas fazem com que muitos cidadãos não consigam entrar em contacto com a Polícia através do 113. Considerou um "fenómeno mundial" os serviços de emergência receberem mais chamadas de brincadeira do que de interesse policial.

O atendimento do 113 funciona mediante um sistema denominado Black List, ou seja, "Lista Negra". Os números que, de forma recorrente, ligarem para fazerem brincadeira são bloqueadas e deixam de ter acesso a este terminal.



AUTORIDADE M. Rodrigues

CONTEIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Breves

SEGURANÇA PÚBLICA

ÍNDICE DE CRIMINALIDADE EM LUANDA É BAIXO

A situação de segurança pública no país é estável e Luanda, que constitui a maior preocupação das autoridades, regista diariamente entre 20 a 30 crimes.

Os números foram avançados pelo secretário de Estado do Interior para Os Serviços Penitenciários, José Bamóquina Zau. O governante falava, recentemente, na cerimónia de entrega de meios a órgãos do Ministério do Interior.

Por outro lado, o índice de esclarecimento criminal está acima dos 60 por cento. José Bamóquina Zau pediu à população para continuar a denunciar todos os actos que colocam em causa a segurança e tranquilidade dos cidadãos.

O LUGAR DO NGOMBIRI É NA CADEIA

O ABUSO SEXUAL É CRIME

DENUNCIE TLF:113

GOVERNO PROVINCIAL DE LUANDA



(JML-043B)

centrooptico®
Você nunca viu nada assim

CONHEÇA A MAIOR EXPOSIÇÃO
DE ÓCULOS EM ANGOLA



ARMAÇÕES
DESDE
4.900KZ

FR
FROSSO

CONSULTAS E EXAMES DE:
OFTALMOLOGIA
OPTOMETRIA
CONTACTOLOGIA

PRODUTOS OFTÁLMICOS
MARCAS EXCLUSIVAS

Ao serviço da sua saúde ocular!



EQUIPA TÉCNICA
ESPECIALIZADA



GRADUAÇÃO DE ÓCULOS OFTÁLMICOS E
SOLARES COM LENTES DE ALTA QUALIDADE



ENTREGAS EXPRESSO
(LENTE DE STOCK)

LOCALIZAÇÕES:

ZÉ PIRÃO | GOLFE 2 | SAMBA | AEROPORTO | NOVA VIDA | VIANA | CACUACO

✉ geral@centroopticoangola.com

🌐 www.centroopticoangola.com

📱 centroopticoangola

📞 923 400 300

(JML-024)

A PALANCA TV ESTÁ DE CASA NOVA E ESTREIA NOVOS PROGRAMAS

DStv

A DIVERSÃO
MORA AQUI



A PALANCA TV MUDOU DE POSIÇÃO NA SUA DStv

A Palanca TV mudou de casa na DStv. Não perca as estreias dos novos programas. Com mais informação, mais economia, mais saúde, mais espectáculo, mais humor, mais diversão. Mais televisão para toda a família. Um exclusivo DStv.

POSIÇÃO **694**

palanca tv

JORNAL 7
DStv

Família

Consultas
Médicas

Palco

dstvangola@ao.multichoice.com
www.dstv.com

Twitter: dstv_angola
Instagram: dstvangola
www.facebook.com/DStvAngola

437 88
923 12 00 00
226 69 89 89

TESTE

Desafio

1 - O Rio Kwanza é o maior de Angola. Nasce em Mumbué, município do Chitembo, Bié. A sua bacia hidrográfica é de 152.570 km². Qual é o seu curso?

- A - 999 km
- B - 1000 km
- C - 960 km
- D - 500 km

2 - O lago Tanganica é o segundo maior de África e é partilhado pela Tanzânia, República Democrática do Congo, Burundi e...

- A - Angola
- B - Zimbabwe
- C - Chade
- D - Zâmbia

3 - O Taj Mahal é um mausoléu situado em Agra, na Índia, sendo o mais conhecido dos monumentos do país. O imperador da época construiu-o em memória de...

- A - Seu primogénito
- B - Sua mãe
- C - Sua amada
- D - Sua vitória

4 - As bananeiras são plantas do género Musa, uma família que inclui as plantas herbáceas vivazes. Há cerca de 50 espécies de Musa e são originárias do sudeste da Ásia. A que família pertence?

- A - Moraceae
- B - Arecaceae
- C - Musaceae
- D - Anacardiaceae

RESPOSTAS

Desafio: 1 - C - 960 km. 2 - D - Zâmbia. 3 - C - Sua amada. 4 - C - Musaceae.

Palavras Cruzadas

Horizontais

1- JOYCE. 6- AFAMADO. 12- OCEANO. 14- ENO. 15- AV. 16- GASTAR. 17- CD. 19- AS. 20- AMANHECER. 24- OS. 26- ORLA. 27- AVL. 30- TER. 32- FRITO. 33- AROMA. 35- ARDOR. 36- VIP. 37- FIO. 38- AM. 39- POMBA. 43- PE. 44- GAMA. 46- BELA. 48- PL. 49- LUTAR. 51- RAIAS. 54- MI. 56- SAIA. 57- CLONE. 58- INALA. 59- PAIRAR.

Verticais

1- JOGA. 2- OCASO. 3- YES. 4- CATÁ. 5- ENAMO. 7- FECHA. 8- ANDE. 9- MO. 10- DA. 11- OVA. 13- ORAR. 18- DEVIDO. 21- NL. 22- CARIL. 23- RATO. 25- STOP. 28- LORDE. 29- LAVAGEM. 31- EM. 32- FAF. 34- RIMA. 39- PAUSA. 40- MABA. 41- BERA. 42- AL. 43- PLANA. 45- ML. 47- ARCA. 48- PIOR. 50- TAL. 52- AL. 53- SER. 55- II.

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



A sorte e o seu conceito

A palavra sorte tem origem latina. Acredita-se que ela venha de sors, uma referência dos antigos romanos para as surpresas, boas ou não, que o destino reserva para o homem.

Segundo a mitologia, a palavra sorte também refere-se a uma divindade, a chamada filha de Saturno. Muitos entendem o conceito de sorte como sinónimo de destino, fatalidade, programação ou desígnio imposto por forças superiores.

O conceito de sorte espalhou-se por diversas culturas como algo que pode ser obtido por magia ou pela acção de forças do além.

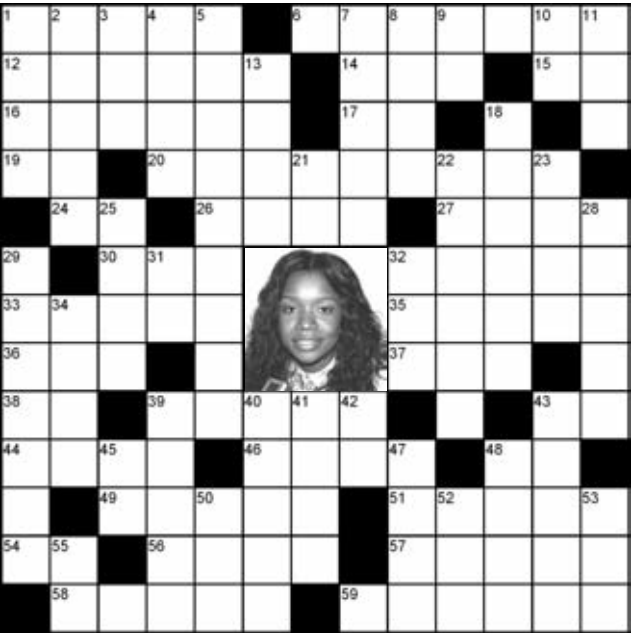
A sorte está associada à fé e faz parte do imaginário popular. O conceito em torno da sorte é um quase sinónimo de destino, exibindo como principal diferença a divisão entre “boa sorte” e “má sorte” (quando se fala em destino, essa divisão é inadmissível), remetendo, fatalmente, a um maniqueísmo mundano, provavelmente, controlado por forças sobrenaturais.

No entanto, imaginar que existe sorte é supor que existe a possibilidade de alteração do destino, conforme determinadas condições que geram os eventos, já que destino é que é

o sinónimo de fatalidade, programação ou desígnio imposto por forças maiores, afectados pela nossa actuação, directa ou indirecta.

A concepção de sorte é enraizada no imaginário popular, interferindo na conduta dos que nela acreditam, de acordo com a forma em questão. Em muitas culturas, imagina-se que a sorte possa ser obtida através de superstições, como ferraduras de cavalo, trevos de quatro folhas, amuletos, etc., confundindo-se, muitas vezes, com questões relativas à influência de forças do além da vida.

Palavras Cruzadas



Horizontais

1- Anna (...), cantora da foto. 6- Que tem fama. 12- Grande massa de água salgada. 14- Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de vinho. 15- Avenida (abreviatura). 16- Despender. 17- Compact Disc. 19- Elas. 20- Raiar a manhã. 24- Eles. 26- Contorno da cratera de um vulcão, margem. 27- Aprovação. 30- Possuir. 32- Que se frigiui. 33- Fragrância. 35- Sensação de calor intenso. 36- Sigla de very important person. 37- Linha. 38- Antes do meio-dia. 39- Fêmea do pombo. 43- Parlamento Europeu. 44- A terceira letra do alfabeto grego. 46- Linda. 48- Plural (abreviatura). 49- Esforçar-se. 51- Óculos. 54- Terceira nota musical. 56- Peça de vestuário. 57- Indivíduo idêntico a outro, produzido por manipulação genética. 58- Cheira. 59- Equilibrar-se no ar.

Verticais

1- Participa num jogo. 2- O pôr do sol, poente. 3- Sim (inglês). 4- Procura parasitas em. 5- Apaixonado. 7- Antónimo de abre. 8- Dê passos. 9- Molibdénio (símbolo químico). 10- Redução das formas linguísticas “de” e “a” numa só. 11- Ovário dos peixes. 13- Rezar. 18- O que é de direito ou dever. 21- Sufixo Internet (Holanda). 22- Barra de ferro sobre a qual giram as rodas de diversos veículos. 23- Pequeno mamífero roedor. 25- Lugar de paragem (palavra inglesa). 28- Título honorífico em Inglaterra. 29- Acto ou efeito de lavar. 31- Preposição que indica lugar. 32- Federação Angolana de Futebol. 34- Concordância dos sons finais de dois ou mais versos. 39- Interrupção temporária. 40- Ultrapassagem na estrada. 41- Que parece bom, mas não o é. 42- Alumínio (símbolo químico). 43- Lisa. 45- Mililitro (abreviatura). 47- Grande caixa com tampa plana. 48- Antónimo de melhor. 50- Um certo. 52- Naquele lugar. 53- Ente. 55- O número dois em numeração romana.

Cinema

ZAP Cinemas
Semana: 29 de Setembro
a 05 de Outubro

- Título: Kingsman:
O Círculo Dourado (IMAX)
- Género: Acção.
- Sessões: 12h20/ 15h20/ 18h15/
21h10/ 00h05
(apenas sexta, sábado e feriado)



- Título: Linha Mortal
- Género: Acção.
12h40/ 15h30/18h00/
21h20/ 23h50
(Apenas, sexta - sábado e feriado)



- Título: Era uma vez
em Los Angeles
- Género: Comédia, Thriller e Acção
- Sessões: 13h00/15h15/17h30
19h45/ 22h00/ 00h15



- Título: Lego Ninjago: O Filme
- Género: Animação.
10h40 (sáb, dom e fer)
/13h05/ 15h25/17h45



CINEMAX /Kilamba
Semana: 29 de Setembro
a 05 de Outubro

- Título: Linha Mortal *
- Género: Acção. (sala Vip)
- Sessões: 13h50/ 16h10/
18h30/ 20h50/ 23h10

- Título: Lego Ninjago 3D
- Género: Animação. (sala 1)
- Sessões: 14h/16h/18h50/ 21h10
- Título: IT
- Género: Terror. (sala 1)
- Sessões: 23h/30

- Título: Um Voo em Grande VP
- Género: Aventura. (sala 2)
- Sessões: 13h00/ 15h00/ 17h00
(Excepto 03 de Outubro)

- Título: O Guarda-Costas
e o Assassino*
- Género: Acção.
19h00/ 21h30/ 23h55
(Excepto 03 de Outubro)

- Título: A Torre Negra*
- Género: Acção. (sala 3)
13h20/ 15h30/
17h50/ 20h00/ 22h10

- Título: Assassino Americano*
- Género: Acção. (sala 4)
13h10/ 15h40/
18h10/ 20h40/ 23h10

- Título: Kingsman:
O Círculo Dourado
- Género: Acção. (sala 5)
13h00/ 15h50/
18h40/ 21h30

* Apenas dias 29 e 30 de Setembro.

FESTIVAL DE FADO ARY E AYA CONVIDADAS

A cantora Ary é uma das convidadas do Festival Caixa Luanda, a 26 de Outubro, no Cine Atlântico, em Luanda. Ana Bela Aya é outra artista para o evento, denominado "O Maior do Fado em Angola". Vão actuar, igualmente, o fadista português Marco Rodrigues e vários outros intérpretes.



COM PAULO GONZO MATIAS DAMÁSIO NO LOOKAL OCEAN CLUB

O cantor angolano Matias Damásio é o convidado especial do músico português Paulo Gonzo, que actua em Luanda, na sexta e sábado próximos, no Lookal Ocean Club, à Ilha de Luanda. O concerto é antecedido de um jantar, às 20h00. O espectáculo tem duração de duas horas.



LITERATURA

Luís Fernando e as memórias da política angolana

Culto e muito simpático. Assim se pode definir Luís Fernando, o homem que se divide entre a literatura e o jornalismo. Duas áreas inseparáveis da sua vida e que muito têm dado, "graças" ao dono do "Antes do Quarto".

O jornalista e escritor apresentaram, em simultâneo, dois livros "Angola: Memórias da Transição Política de José Eduardo dos Santos a João Lourenço", volumes I e II. Em ambas as obras, Luís Fernando arruma as suas memórias do contexto político nacional, de Março de 2016 a Março de 2017 (volume I) e de Abril a Setembro de 2017 (volume II).

Já disponíveis nas livrarias, os livros estão ao preço de três mil kwanzas.

Nascido em 1961, na aldeia de Tomessa, no Uíje, Luís Fernando conta com 11 livros publicados, nomeadamente, "Noventa Palavras", o primeiro, lançado em 1999. Seguiram-se-lhe "A Saúde do Morto", "Antes do Quarto", "João Kyomba em Nova Iorque", "Clandestinos no

Paraíso", "A Cidade e as Duas Órfãs Malditas", "Um Ano de Vida", "Dois Anos de Vida", "Três Anos de Vida" e "Letras na Brasa".

Luís Fernando participou ainda na colectânea de contos "Estórias Além do Tempo", com 14 outros autores.

Em co-autoria, ao lado do escritor português Eduardo Águaboa, escreveu o livro "Taras de Luanda", recentemente lançado.

Em 2009, Luís Fernando foi admitido como membro da União de Escritores Angolanos (UEA), dez anos depois de estar a publicar com regularidade.

Jornalista desde os 17 anos de idade, foi chefe de redacção e director de informação da Rádio Nacional de Angola. Foi, igualmente, director-geral do Jornal de Angola e do semanário O País. Os livros "Angola: Memórias da transição política de José Eduardo dos Santos a João Lourenço", I e II, foram produzidos pela Mayamba Editora e têm 160 e 222 páginas cada.



EVENTOS



MÚSICO Embaixador da Boa Vontade da ONUSIDA

C4 PEDRO NO COMBATE A SIDA

O músico, compositor e interprete C4 Pedro vai doar parte das receitas arrecadadas nos dois últimos concertos, realizados na Casa 70. Os valores arrecadados nos eventos, ocorridos nos dias 28 e 29 de Outubro, vão ser entregues a ONUSIDA Angola, para apoiar vários projectos ligados à educação e sensibilização para a prevenção e o combate à doença, que assola todas as nações. Há quatro anos, C4 Pedro foi nomeado um dos embaixadores nacionais da Boa Vontade.



ALBÚM Autor de "Abre a porta" com novo trabalho

TOTÓ PREPARA NOVO CD

Serpião Tomás ou, simplesmente, Totó prepara o seu próximo trabalho discográfico, depois de longo silêncio. O álbum do autor de "Abre a Porta" vai contar com 12 músicas. Totó conta com três discos no mercado: "Vida das Coisas", de 2006, "Batata Quente", 2009, e "Filho da Luz", 2014. Canta os estilos jazz, soul music, R&B e ritmos africanos.

ESCUPTOR MPAMBUKIDI EXIBE "FOGO" NO CAZENGA

Cerca de 40 peças de bronze do escultor Mpambukidi Nlufindi ficam patente até 15 do corrente, na Fábrica de Sabão, no município do Cazenga. A amostra, denominada "Ntuya", expressão Kikongo, que, em Português, significa "Fogo", é a 43ª exposição individual de Mpambukidi.

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545



PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464

**O NOSSO LEITINHO TEM
TODOS OS SEGREDOS PARA NÓS
CRESCERMOS SAUDÁVEIS**





TRABALHO HÁ LIMITAÇÕES

“Estamos preocupados com algumas limitações de natureza organizativa e com a carência de infra-estruturas na cidade. Apelamos, sobretudo, às instituições do Estado, mas também a eventuais parceiros privados, para maior apoio ao nível das infra-estruturas”.



LEMA COERÊNCIA E CARÁCTER

“No nosso programa de candidatura, deixámos bem claro que primamos pela coerência, carácter e responsabilidade. Nem todos estão alinhados com esta forma de trabalhar e, eventualmente, estão a passar por um processo de adaptação, até se compenetrarem de que estamos apenas a organizar, para bem da modalidade”.

ANDEBOL

"Alguns associados pretendem andar à margem do rigor"

Simão Filho, presidente da Associação de Andebol de Luanda, aborda o estado da modalidade na capital: os males de que está enferma e os projectos em vista.

Vivaldo Eduardo

jornal.metropolitano@gmail.com

Presidir a Associação Provincial de Andebol de Luanda (APAL) é a primeira experiência de Simão da Silva Cassule Filho, no dirigismo desportivo. No entanto, a tarimba de praticante da modalidade, por muitos anos, com passagens assinaláveis pelo Inter de Angola (1988 a 1992), 1º de Agosto (1992 a 1995) Progresso Sambizanga (1996) e Sporting de Luanda (1997 a 2006) levou-o a assumir o desafio, mesmo sabendo da imensidão de dificuldades, pois, como disse “em Luanda, os constrangimentos são sempre a dobrar, porque se trata do maior expoente da modalidade no país”. Simão Filho dirige a APAL desde 17 de Dezembro último. Portanto, há cerca de dez meses.

Como está a ser esta sua primeira experiência, ao nível do dirigismo desportivo, depois de vários anos no andebol, como atleta?

Esta experiência vale a pena, para nós, que amamos a modalidade, mas não é nada fácil, porque estamos a gerir uma associação desportiva muito importante para o Andebol em Angola e não só. Os grandes fazedores deste desporto estão radicados aqui, em Luanda. As maiores realizações desportivas do andebol acontecem cá, na capital, e os principais jogadores que representam as nossas selecções fazem parte dos clubes filiados na Associação Provincial de Andebol de Luanda. Por aí pode ver quais são as exigências, as responsabilidades e o nível de profissionalismo necessário, tanto da parte dos dirigentes, como dos clubes filiados e atletas, para levar a cabo a nossa tarefa. Estamos imbuídos de muita vontade, pelo nosso amor à modalidade, e, na medida do possível, temos estado a fazer uma gestão aceitável, do nosso ponto de vista. Também temos contado com o apoio de muitos ex-praticantes, ex-dirigentes e outros “mais velhos”, que, melhor do que nós, sabem que procedimentos devemos adoptar.

Está há quase um ano à frente da Associação. O trabalho tem sido difícil, como já referiu. Mas quais foram as melhores coisas que fizeram e o que ficou por fazer, neste espaço de tempo?

Nesta altura, o que melhor fizemos foi, sem dúvida, a organização do último Campeonato Nacional de seniores masculinos e femininos. Perante uma maré de dificuldades, conseguimos fazer uma das melhores competições, de todos os tempos, ao nível de seniores. Frustrações, como tal, até não diria. Mas gerir o andebol em Luanda acarreta sempre muitos constrangimentos, sobretudo, porque as associações não são subvencionadas pelo Estado. Muitas vezes, é a Federação que dá a sua quota cedida pelo Estado, entrega determinada parcela às associações. Na vigência do nosso mandato à frente da APAL, não recebemos ainda qualquer dotação e, por esse motivo, gerimos o quotidiano, na base de parcerias. Com sorte, algumas vezes conseguimos um patrocinador que suporta al-



PROVAS NACIONAIS BOA ORGANIZAÇÃO

“Nesta altura, o que melhor fizemos foi, sem dúvida, a organização do último Campeonato Nacional de seniores masculinos e femininos. Perante uma maré de dificuldades, conseguimos fazer uma das melhores competições, de todos os tempos, ao nível de seniores”.



MODALIDADE UMA GESTÃO DIFÍCIL

“Gerir o andebol em Luanda acarreta sempre muitos constrangimentos, sobretudo, porque as associações não são subvencionadas pelo Estado. Muitas vezes, é a Federação que dá a sua quota cedida pelo Estado, entrega determinada parcela às associações”.

gumas despesas. Fora disso, a associação tem feito a sua gestão de forma que não trilha entre muitas dificuldades na organização de eventos. Essa organização de provas depende de fundos próprios, ou seja, das taxas que os clubes pagam, eventualmente os valores obtidos por via das multas e contribuições financeiras individuais dos membros da própria associação.

Perante todas estas dificuldades, não está arrependido de ter assumido este compromisso?

Não podemos, em momento algum, nos arrepender, pelo simples motivo de que estamos comprometidos com o andebol e fazemos este trabalho por amor a esse desporto. Quando assim acontece, estamos disponíveis a consentir alguns sacrifícios e em momento algum poderemos pensar em recuar. Se fosse para isso, nem teríamos encetado a caminhada, logo no início. As eleições para a APAL foram das mais concorridas. Tivemos um bom oponente e, portanto, se fosse para desistir a meio deixaríamos o caminho aberto ao concorrente. Apenas estamos preocupados com algumas limitações de natureza organizativa e também com a carência de infra-estruturas na cidade. Apelamos, sobretudo, às instituições do estado, mas também a eventuais parceiros privados, para maior apoio ao nível das infra-estruturas desportivas. Realizamos jogos em todos escalões. Organizamos competições de alto nível e muitas vezes os recintos não estão adequados à qualidade técnica patenteada pelos jogadores. Solicitamos, pois, aos órgãos do Estado que invistam um pouco mais em recintos desportivos, para Luanda, particularmente, em pavilhões desportivos para a prática do andebol. Praticamente, os únicos pavilhões aptos para a prática da modalidade são o principal da Cidadela e a Arena do

Kilamba. Outros recintos são dos clubes e grande parte deles está aquém daquilo que precisamos para elevar o nível competitivo dos nossos jogadores.

Mas os clubes também se queixam de dificuldades?

Conhecemos a realidade financeira dos clubes e sabemos dos esforços das suas direcções. Mas temos que assumir que muitos campos apresentados pelos clubes, cá em Luanda, já colocam em risco a integridade física dos jogadores. Estamos a ponderar que medidas adoptar. Se impedíssemos a utilização de algumas dessas quadras, estaríamos a criar grandes constrangimentos.

Há avaliações positivas do vosso desempenho, por parte de alguns associados. Outros, no entanto, dizem que a associação parece uma unidade policial. Que comentário faz a respeito?

Por vezes olham para o Simão Filho, Presidente da Associação de Andebol, de forma diferente. Como funcionário do Ministério do Interior, trabalho mais vezes fardado. Nas

tendem andar à margem deste rigor que entendemos ser necessário manter. No nosso programa de candidatura, deixámos bem claro que primamos pela coerência, carácter e responsabilidade. Nem todos estão alinhados com esta forma de trabalhar e, eventualmente, estão a passar por um processo de adaptação, até se compenetrarem de que estamos apenas a organizar, para bem da modalidade. Por vezes, tentam disfarçar as próprias insuficiências, dizendo que parecemos uma unidade policial. Na realidade, a associação apenas aplica os princípios da disciplina e organização. Antes, todos vinham para aqui, diziam o que lhes apetecia, mandavam como bem entendiam e, de concreto, ninguém dizia nada. Onde há desordem, seguramente, a organização não impera e não se pode fazer bom trabalho. Esta é uma das razões pelas quais temos estado a ouvir comentários desfavoráveis. Aproveito a oportunidade de falar ao Jornal Metropolitano, para esclarecer que não é verdade que estejamos a gerir a APAL como se de uma unidade policial se tratasse. Está, sim, uma associação ao nível do que os clubes precisam,

Temos que assumir que muitos campos apresentados pelos clubes, cá em Luanda, já colocam em risco a integridade física dos jogadores. Estamos a ponderar que medidas adoptar.

minhas funções, cá na APAL, normalmente, apresento-me a civil. É necessário separar o trigo do joio: o polícia é disciplinado por natureza. É a pessoa da verdade. Somos cumpridores e pontuais, por defeito de profissão, se posso assim dizer. Estas características são transportadas para personalidade do Presidente da Associação. Alguns associados pre-

porque aqui é o palco das maiores e melhores competições do andebol nacional, com os melhores clubes e com os melhores atletas.

A APAL está preparada para as alterações que a Federação pretende implementar nas competições dos escalões jovens? Como irão organizar provas de várias cate-

gorias, desde os Bambis, Infantis, Iniciados, juvenis etc, quando até agora só se disputavam provas de três categorias, nos escalões de formação?

A Associação de Luanda está preparada para tudo o que é inovação. Principalmente, quando estas trazem consigo valor acrescentado. Angola participa em Campeonatos Africanos, Mundiais, Jogos Olímpicos etc. Por isso, tendo os clubes como nossos principais aliados, vamos adaptar-nos a essa realidade. Temos a nossa assembleia ordinária agendada para o próximo mês e, nesse fórum, vamos reflectir sobre a operacionalidade do que está perspectivado. Do ponto de vista organizativo, a APAL está pronta. Precisamos de saber se os nossos filiados também estão. Teremos campos suficientes para materializar essa ideia? Os clubes têm uma organização suficientemente dinâmica para subdividir os jogadores por estes escalões? Vamos levar estas inquietações a debate, para fornecermos subsídios à Federação Angolana de Andebol, para ponderarmos bem o momento real em que se podem aplicar tais mudanças. Poderemos fazê-lo por fases, permitindo que os clubes se organizem melhor.

Que estratégias tem em carteira para vender melhor o produto andebol?

Entre os vários exemplos vivos que temos sobre a possibilidade de vender bem o nosso produto, o primeiro é a final do Campeonato Africano, onde Angola recuperou o título feminino, em Novembro e Dezembro de 2016. Houve milhares de pessoas que não conseguiram entrar na Arena do Kilamba. Esse pavilhão registou aí a maior enchente da sua história. Nos candidatamos à organização dos campeonatos de seniores masculinos e femininos, em Julho de 2017. Conseguimos perceber que, com uma boa organização, poderíamos vender bem o nosso produto. Doravante, para os jogos sob nossa tutela, iremos comercializar os ingressos, pois temos a certeza de que o público de Luanda gosta de jogos de Andebol de qualidade. Teremos que programar estes jogos para campos com qualidade suficiente para os executantes explanarem o seu talento e assim esperamos levar o grande público a colocar também nos seus planos financeiros os jogos de andebol, tal como o faz para o Basquetebol e o Futebol.

Que mais pode o andebol fazer por Luanda, usando da popularidade que hoje possui?

Neste particular, tenho aproveitado a minha própria formação académica para colher os frutos que a modalidade nos pode oferecer. Sou licenciado em Sociologia e, como todos sabemos, este é um ramo das ciências que pode exercer muita influência sobre as comunidades. A inclusão social é um dos nossos lemas. Acolhemos também pessoas que têm iniciativas várias, neste âmbito, oferecendo o respaldo da APAL para as diversas campanhas que temos levado a cabo. Em nove meses de mandato, já conseguimos fazer crescer a adesão dos cidadãos aos jogos e às actividades em redor dos mesmos. No tempo que nos resta, estamos seguros de poder fazer muito mais.



Organização Andebol mantém competitividade nas provas internas e deixa boa imagem além-fronteiras



Não contamos com qualquer apoio. Gostaríamos que cada pescador, nos tempos das cheias, tivesse o seu material de pesca, como rede, barco, anzol, entre outros.

JOÃO JOSÉ NASCIMENTO
COORDENADOR-ADJUNTO DA ALDEIA DE KAXICANE

TAÇA DE ANGOLA DUELOS LUANDENSES

O jogo Interclube - 1º de Agosto é o destaque dos quartos-de-final da Taça de Angola em futebol, a disputar-se nos dias 7 e 18 próximos, de acordo com um comunicado da Federação. Progresso-Kabuscop é outro embate que opõe formações luandenses.



ELECTRIFICAÇÃO

Mais energia eléctrica à Chicala e Ilha do Cabo

Os eventuais problemas ligados à energia eléctrica vão ficar reduzidos na Chicala e na Ilha do Cabo, no distrito urbano da Ingombota. Nestes bairros, decorrem, há algum tempo, trabalhos de colocação de cabos eléctricos, que vão alimentar as unidades hoteleiras da zona. O processo incide na Avenida Murtala Mohammed e decorre em ritmo acelerado.

O responsável pela empreitada, António dos Santos, adiantou que estão a ser colocados seis cabos eléctricos, desde a subestação eléctrica da Chicala até uma unidade hoteleira, na ilha de Luanda. A instalação vai aumentar a capacidade de distribuição de energia eléctrica. “Queremos dar

outro aspecto à Ilha do Cabo”, disse.

António dos Santos informou ainda que este trabalho já está a ser realizado há algum tempo, tendo iniciado com a escavação de uma vala para a colocação dos cabos, o que vai trazer alguns transtornos aos transeuntes.

“As escavações realizadas vão deixar os passeios intransitáveis, durante um determinado período. Desta forma, queremos tranquilizar os moradores que, dentro de aproximadamente duas semanas, vamos concluir a obra”, prometeu o responsável.

A obra, da Empresa Nacional de Distribuição de Electricidade (ENDE), está a cargo da Proef Energias de Angola e tem a duração de 26 meses.

EDIÇÕES NOVEMBRO



TRABALHOS Escavações decorrem para a instalação de cabos de energia

COMUNA DO PALANCA

Rua Zero vai receber asfalto

A rua Zero da comuna do Palanca, no Kilamba Kiaxi, começa a receber asfalto em breve. De acordo com a administradora, Albina Guilhermina Luísa, que não indicou a data para o início da empreitada, a administração vai continuar os serviços para a manutenção da via, aberta, recentemente, ao trânsito automóvel, depois de trabalhos de terraplanagem.

A rua Zero começa no Centro de Emprego e termina na FTU. Esteve inoperante cerca de oito anos, devido a degradação. A estrada é alternativa às ruas Pedro de Castro Van-Dúnem Loy e Deolinda Rodrigues.

Trabalhos de terraplanagem foram ainda feitos no Golfe, Sapú e Nova Vida.

JOSÉ SOARES | EDIÇÕES NOVEMBRO



CIRCULAÇÃO Algumas vias do município estão apenas terraplanadas

Resenha da Semana

MUNICÍPIO DO CAZENGA INCÊNDIO VITIMA FAMÍLIA

O número de mortos de membros da mesma família, em consequência da deflagração de um incêndio, numa habitação, no distrito 11 de Novembro, município do Cazenga, subiu para quatro, na última quinta-feira. O incêndio ocorreu por volta das 7h00 da manhã, na última terça-feira, 26, numa residência que comercializava ilegalmente combustível. Além das quatro pessoas mortas, incluindo o casal, o único filho sobrevivente encontra-se a receber tratamento no Hospital Neves Bendinha.

PROTECÇÃO CIVIL E BOMBEIROS RESGATADOS CADÁVERES

O Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros (SNPCB) resgatou três cadáveres, nos municípios de Talatona e Viana e no distrito urbano da Ingombota, em Luanda.

O porta-voz dos bombeiros, Faustino Minguês, disse que foram resgatados os cadáveres de um homem, com identidade desconhecida, no interior de uma vala de drenagem, e de um recém-nascido, num tanque de água, utilizado como depósito de lixo. O terceiro cadáver foi de um cidadão de 19 anos, retirado numa das praias da Ilha do Cabo.

Na quarta-feira, a corporação deu conta de uma tentativa de suicídio, na Centralidade do Kilamba. O acto seria de uma mulher de 25 anos, que tentava a tira-se do 4º andar de um dos edifícios.

FALTAM MEIOS ASSOCIAÇÕES PREOCUPADAS

Questões ligadas à legalização e à falta de meios de trabalho foram apresentadas à Direcção do Conselho Provincial da Juventude (CPJ) de Luanda, como principais preocupações de 52 associações juvenis, sedeadas no distrito urbano do Golf (Kilamba Kiaxi). De acordo com o secretário executivo do CPJ, Isaías Domingos Kalunga, que orientou o I Encontro de Líderes Juvenis do Distrito Urbano do Golfe, o secretário executivo e os presidentes das associações juvenis apresentaram várias preocupações, desde a legalização destas até às condições para o trabalho com as comunidades. O CPJ está a proceder ao levantamento das associações juvenis existentes em cada bairro de Luanda, de modo a incentivar o associativismo juvenil, a a Rua 25 de Abril.

MUNICÍPIO DE VIANA REASSENTAMENTO FAMILIAR

Sessenta e duas famílias provenientes de diversas zonas de risco, da província de Luanda, começaram a ser reassentadas no bairro Casa Blanca, distrito Urbano do Baía, município de Viana.

O acto de reassentamento teve início há alguns dias, na presença dos administradores de Viana e do Cazenga, Jeremias Dumbo Tchilelevika e Victor Nataniel Narciso, respectivamente.

As famílias que beneficiaram de lotes de terreno para autoconstrução dirigida são provenientes das zonas do Tunga Ngó (Cazenga), arredores da Vila Pacifica, bairro Boa Fé (Viana) e antigos combatentes, com mobilidade e visão reduzidas.

Por fim...

CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva



OS NOVOS MÉDICOS E A HUMANIZAÇÃO

O recrutamento de médicos recém-formados, para o reforço do sistema de saúde nos hospitais de Luanda, mostra a pronta preocupação do Executivo na melhoria da assistência à população. São, no total, 97 novos médicos, na sua maioria jovens e no primeiro emprego. De todos muito se espera. Principalmente a humanização no atendimento, aspecto que, actualmente, muito se discute e continua a ser um "calcanhar de Aquiles" nas unidades hospitalares de Luanda, quer sejam públicas ou privadas. Na realidade, o dia-a-dia de um profissional de saúde vai muito além do atendimento, no caso do paciente. Em muitas unidades, infelizmente, falta de tudo um pouco, desde equipamentos a medicamentos. Recentemente, disponibilizei-me para ajudar uma família que tinha a filha em apuros. Quando solicitada, não sabia ao certo o que acontecia. Mas, pelo desespero da mãe, logo percebi tratar-se de um caso sério. A menina estava a convulsionar. "Minha filha está a morrer", dizia a mãe da menina. Fomos de imediato ao Centro de Referência do Kilamba. Diante da aflição, pareceu ser distante para todos, mesmo estando dentro da centralidade. No local, fomos atendidos por uma equipa de três profissionais. Para nossa sorte, eram todos médicos em serviço. Destes, saltou a vista que uma era recém-formada. Com o outro profissional, os médicos conseguiram detectar que a menina de três anos estava a ter convulsões fruto de febre alta e uma diarreia que, provavelmente, vinha de alguns dias. Dado o estado da criança, havia a necessidade de transferi-la de imediato para outra unidade mais próxima. Antes de ser transferida, os técnicos precisavam de prestar os primeiros socorros. Esta tentativa quase foi frustrada pelo facto de a unidade não ter sequer um analgésico anti-pirético, como Dipirona injectável, e outros componentes que ajudariam na intervenção. A família precisou comprar os medicamentos e que, a seguir, a equipa médica prestasse o socorro. Diante do disposto, pergunto, como avaliar o desempenho (bom ou mau) de um técnico, se ele depende de meios para executar o seu trabalho? Como podem aplicar o que aprenderam, se muitas das unidades para onde foram colocados não possuem sequer agulhas?